

Jornal da UNESP



JANEIRO-FEVEREIRO/91

Universidade Estadual Paulista

ANO VI — N.º 53



A construção de uma identidade

Aos 15 anos, a UNESP se consolida, integrando-se a todo o Estado

DEBATE DEMOCRÁTICO

O **Jornal da UNESP** de novembro último, nº 52, dedica seu Editorial e as páginas 4 e 5 à sucessão governamental em São Paulo. Reconheço a importância do debate, mas desejo manifestar meu desagrado pelo fato de a reportagem ter se limitado ao PMDB e PDS, em detrimento aos demais partidos. Manifesto-me a respeito para incentivar o debate democrático e assegurar espaços em outras oportunidades, independentemente da coloração do partido.

Claudio Antonio de Mauro, professor do Departamento de Planejamento Regional do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) da UNESP, câmpus de Rio Claro

No fechamento da referida edição, realizavam-se campanhas para o segundo turno das eleições, onde disputavam o **Governo do Estado Luiz Antônio Fleury Filho** e **Paulo Maluf**, candidatos, respectivamente, do PMDB e PDS.

DICIONÁRIO DE VERBOS

Quero parabenizá-los pelo alto nível jornalístico desenvolvido por este órgão e congratular-me com os profissionais envolvidos na sua feitura. Aproveito a ocasião para pedir informações sobre como obter o **Dicionário Gramatical de Verbos do Português Contemporâneo do Brasil**, publicado pela Editora UNESP, bem como outras obras do autor, professor Francisco da Silva Borba, como informa o texto publicado pelo **Jornal da UNESP** em sua edição de setembro, nº 50.

Hercules Antonio Wagner, Presidência da Central de Medicamentos — CEME — Brasília, DF

Caso as obras em questão não possam ser encontradas nas livrarias de Brasília, escreva para Editora UNESP — Av. Rio Branco, 1210, Campos Elísios — CEP 01206 — São Paulo, SP. Ou entre em contato pelo telefone (011) 223-7088.

AGRADECIMENTOS

Escreveram agradecendo o envio do **Jornal da UNESP** as instituições: Seção Cultural da Embaixada da República Popular da China; Biblioteca Central da Universidade do Amazonas; Assessoria de Comunicação da Universidade Federal de Uberlândia; Assessoria de Comunicação — Fundação Roberto Marinho; Programas de Jornalismo — IBM Brasil; Editora L&PM.

As cartas para o **Jornal da UNESP** devem ser endereçadas à Rua do Carmo, 44, 5º andar — s/51 — CEP 01019. São Paulo, SP.

JORNAL DA UNESP

Editor: Paulo Velloso
Redação: André Louzas e Denise Pellegrini
Editor de Arte: Celso Pupo
Secretária de Redação: Viviane Fernandez
Produção: José Luiz Redini
Colaborou nesta edição: Marcelo Burgos
Capa: Paulo Zilberman

Tiragem: 25 mil exemplares

Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

Endereço: Rua do Carmo, 44, 5º andar, CEP 01019, São Paulo, SP. Telefone: 37-4479.

Composição, Fotolito e Impressão: DCI - Indústria Gráfica e Editora S.A.



unesp

Universidade Estadual Paulista
Reitoria: Praça da Sé, 108 - CEP 01001 - São Paulo, SP.

Câmpus: Araçatuba, Araraquara, Assis, Bauru, Botucatu, Franca, Guaratinguetá, Ilha Solteira, Jaboticabal, Marília, Presidente Prudente, Rio Claro, São José dos Campos, São José do Rio Preto e São Paulo.
Autarquia Vinculada: Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza" (Faculdade de Tecnologia - FATEC - de Americana, Baixada Santista, Jau, São Paulo e Sorocaba).

Outras Unidades: Instituto de Física Teórica (São Paulo) e Instituto de Pesquisas Meteorológicas (Bauru).

CONSELHO UNIVERSITÁRIO
Reitor: Paulo Milton Barbosa Landim
Vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento: Arthur Roquete de Macêdo

Pró-reitor de Graduação: Antonio Cesar Perri de Carvalho

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Antônio Manoel dos Santos Silva

Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Carlos Ruggiero

Diretores das Unidades Universitárias: Acyr Lima de Castro, Antenor Araújo, Antônio Carlos Massabni, Bruno Mancini, Carminda da Cruz Landim, Cecilio Linder, Dinah Borges de Almeida, Flávio Abranches Pinheiro, Irineu Bicudo, Irineu de Mpora, Jayme Wanderley Gasparoto, Joji Arika, José Enio Casalecchi, José Ribeiro Júnior, Lúcia Helena Oliveira Gerardi, Márcio Antônio Teixeira, Márcio Rubens Graf Kuchembuck, Néelson de Araújo, Néelson Múrcia, Nivaldo José Bósio, Paulo César Naoum, Paulo de Tarso Oliveira, Sérgio Nereu Pagano e Tatsuko Sakima.

Representante das Unidades Complementares: Newton Castagnoli.

Representantes Docentes: Ana Maria Ramos Estevão, Antônio Carlos Silveira, Antônio Celso Wagner Zanin, Ayleta Nóbrega de Campos, Carlos Alberto Penatti, Cristó Bladimiro Melios, Euripedes Alves

da Silva, João Alberto de Oliveira, José Aluísio Reis de Andrade, Kleber Pinto Silva, Luiz Carlos Donadio, Luiz Roberto Trovati, Maria Amélia Máximo de Araújo, Mário Balistieri Sobrinho, Myrian Xavier Fragoso, Nariaqui Cavaguti, Odair Correa Bueno, Odeblar Santo Guidugli, Olga Ceciliato Mattioli, Paulo Eduardo de Toledo Salgado, Reinaldo Ayer de Oliveira, Sebastião Hetem, Sheila Zambello de Pinho e Wellington Dinelli.

Representantes Discentes: Marcel Augusto Cangiani, Renato Fonseca Barcellos, Alípio José da Silva Filho, Franco Borsari, Doraci Elias Zanfolin, Denise Fioravante, Humberto Silva, Eder Clai Ghizzi, José Eduardo Oliveira, Francisco Malandrino, Carlos Alberto Yada.

Representantes Técnico-administrativos: Adauto José da Silva, Antônio Sérgio Brito, Daltro Brandão, Edmilson de Nola Sá, Gessé Gerardi, João Cardoso da Silva, José Eduardo Candeias, José Munhoz Fernandes, Luiz Gonçalves Rodrigues, Maria José Manoel e Maria José Martins.

FIESP: Horácio Lafer Piva
FAPESP: Nelson de Jesus Parada

A solução simplista do ensino pago

No momento em que se apresenta para a sociedade brasileira o formidável desafio de encontrar meios eficazes de promover, de forma criativa e competente, o desenvolvimento científico e cultural do país, é lamentável constatar-se a fragilidade, a inconsistência e o simplismo da maior parte das soluções aventadas para os gravíssimos problemas da educação em nosso país. Dentre as várias propostas desse gênero merece especial comentário a que apresenta a cobrança de anuidades no ensino superior como panaceia para boa parte dos males que afligem o ensino público de todos os níveis e como meio de promover-se a justiça social.

A argumentação, via de regra, baseia-se em premissas muito simples. É preciso que a sociedade democrática garanta a igualdade de oportunidades no acesso aos diferentes níveis do ensino público. Os estudantes oriundos de famílias de baixa renda, geralmente egressos das escolas públicas, cuja má qualidade não os habilita a concorrer, em igualdade de condições, com os mais afortunados nos exames vestibulares das universidades públicas e gratuitas, são minoria nessas instituições de ensino. Vêm-se pois compelidos a frequentar instituições particulares e pagar por seus estudos. Dessa forma, as universidades públicas, que são melhores, e cujo ensino é custeado com recursos advindos de impostos, privilegiam os ricos que a elas têm acesso. Cobrando-se anuidades aos ricos, os recursos poupados seriam investidos na melhoria do ensino público de 1º e 2º graus, em benefício dos menos favorecidos economicamente. O grande óbice para a adoção dessa medida salvadora estaria na Constituição Federal de 1988, que instituiu a gratuidade indiscriminada do ensino público, em todos os seus níveis.

Pode-se mudar a Constituição, mas é importante ressaltar, por outro lado, que a vigência de constituições que não garantiam expressamente a gratuidade do ensino público nos níveis médio e superior não impediu a adoção incondicional dessa prática nas universidades que se criaram no país, a partir das primeiras décadas deste século. A opção pelo integral patrocínio do Estado às atividades da instituição não decorreu, portanto, do atendimento a um imperativo legal, mas fundou-se no reconhecimento do relevante papel social a ser desempenhado pela universidade e na convicção de que somente o Estado poderia oferecer-lhe as condições necessárias ao exercício de suas funções. Com efeito, não se pretendia que a universidade apenas ministrasse o ensino superior. Para tanto, teria bastado ampliar o número de instituições públicas destinadas ao preparo de bons profissionais. À universidade deveria ser confiada, além do ensino, a missão de promover o desenvolvimento cultural e de produzir conhecimento científico e tecnológico, sem compromissos com facções, partidos políticos ou ideologias, em proveito de toda sociedade. Os altos custos do empreendimento, a serem compensados por benefícios sociais que não se traduziriam de imediato no balanço contábil da instituição, e a necessidade de garantir a isenção necessária à busca descompro-

missada do saber, indicavam que somente o Estado democrático poderia responsabilizar-se financeiramente pelo adequado cumprimento do conjunto de tarefas atribuídas à universidade. A ela teriam acesso, como alunos, aqueles que, independentemente de posição social, estivessem habilitados a participar de suas atividades de ensino e de pesquisa e, como consequência, de extensão de serviços à comunidade. Os benefícios sociais decorrentes da participação dos egressos da universidade na vida do país representariam o ressarcimento dos gastos do Estado com o ensino, e toda a sociedade seria recompensada com o desenvolvimento científico e tecnológico resultante das atividades de pesquisa.

A história das instituições universitárias nos países desenvolvidos tem demonstrado que somente o poder público e grandes fundações, que efetivamente não visem lucros, podem assumir o alto custo da investigação científica e tecnológica. No Brasil, portanto, onde inexistem de fato fundações desse gênero ou grandes mecenas, privatizar a universidade pública equivaleria a inviabilizá-la, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento das atividades de pesquisa, as quais, aliás, a distinguem das demais instituições de ensino superior.

A história tem demonstrado, igualmente, o importantíssimo papel cumprido pelas universidades no desenvolvimento das nações do primeiro mundo, e a irrelevância da parcela correspondente a uma eventual contribuição financeira dos alunos no custo dessas instituições. No Brasil, alguns estudos têm evidenciado que é reduzido o número dos que poderiam pagar anuidades correspondentes aos custos da universidade pública, com a complicação adicional de que os mecanismos burocráticos que se criariam para identificar tais alunos, processar a cobrança de anuidades e repassá-las à instância central que, por sua vez, os destinaria às escolas públicas de 1º e 2º graus dos Estados e municípios, certamente consumiriam recursos superiores àqueles eventualmente arrecadados.

O Brasil gasta pouco com educação, inclusive com a educação superior, e além disso não tem sabido garantir o melhor proveito nem mesmo dos recursos insuficientes que vêm sendo destinados ao ensino de todos os níveis. Desse modo, é certo que não se garante no país a igualdade de oportunidades no campo da educação, assegurada pela Constituição. A situação de miséria de boa parte da população brasileira vem dificultando seu acesso até mesmo ao ensino fundamental.

A recuperação do ensino público de 1º e 2º graus, imprescindível para que se possa assegurar efetivamente a igualdade de oportunidades no campo da educação, exige grandes investimentos, muita competência e não poderá prescindir da colaboração da universidade. Esta, por sua vez, deve reestruturar-se, com vistas à melhoria de seu desempenho, para que possa bem cumprir seus compromissos para com a sociedade brasileira. A criação de condições que lhe assegurem o efetivo exercício da autonomia de gestão financeira e a avaliação permanente de suas atividades, em instâncias internas e externas, conduziriam à otimização dos recursos investidos, e à adequação dos mesmos, em cada caso, à natureza e à dimensão da contribuição oferecida em termos de ensino, pesquisa e extensão de serviços à comunidade.

Diante de problemas de tal magnitude e complexidade é pena que se gaste tanto tempo e papel com a questão da cobrança de anuidades aos "mais ricos" no ensino público superior. Há formas mais eficazes e nada demagógicas de corrigir eventuais injustiças fiscais e de fazer com que as universidades devolvam, com juros sociais, sob a forma de benefícios, os recursos nela investidos.



Mariza Dias Costa

Uma trajetória sob o signo da integração

Criada com o desafio de aglutinar os antigos Institutos Isolados de Ensino do Estado, a UNESP chega aos 15 anos como componente da primeira linha do sistema universitário do país. A Universidade hoje consolida sua identidade com iniciativas como os centros de pesquisa multidisciplinar e o processo de avaliação de seu ensino. E sua ação social envolve áreas que vão da saúde pública à produção cultural.

Reportagem de André Louzas



O nascimento da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" foi marcado por um desafio original. A UNESP não bastava apenas cumprir a enorme responsabilidade que também cabe às suas irmãs, USP e Unicamp: fornecer ensino público e gratuito de qualidade. A jovem universidade enfrenta ainda, desde o seu surgimento, a tarefa de reunir numa mesma identidade os vários Institutos Isolados de Ensino, de cuja união ela se originou (veja reportagem à página 16). Através da Lei Estadual nº 952, de 30 de janeiro de 1976, esses institutos se tornaram os afluentes de um rio caudaloso, mas suas águas, de diversas origens, vêm exigindo muito esforço para se integrar e fluir numa mesma direção. De qualquer forma, após quinze anos, a UNESP exibe um percurso de crescente solidez e harmonia no seu conjunto de ações.

À frente da Universidade no momento em que ela completa quinze anos, o reitor, professor Paulo Milton Barbosa Landim, luta com uma situação particularmente difícil. Há anos, a UNESP é alimentada por uma parcela do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) que se mostrou insuficiente para a energia que deve ser gasta nas tarefas de ensino, pesquisa e extensão. A essa limitação se somaram, no final de 1990, os atrasos dos recursos destinados pelo governo estadual às três universidades. Mesmo assim, o professor Landim garante que há motivos para comemoração: "Não atingimos ainda nossa identidade, mas avançamos muito", assinala (leia entrevista com o reitor às pág. 8 e 9).

O avanço que o professor Landim enfatiza foi marcado por algumas etapas decisivas, como a elaboração do atual Estatuto da Universidade. Sua entrada em vigor, no dia 22 de fevereiro de 1989, representou um largo passo no sentido da maior integração da Universidade. A nova espinha dorsal da UNESP democratizou seu funcionamento, abrindo mais espaço nos órgãos colegiados aos representantes dos vários segmentos da comunidade universitária, além de descentralizar o próprio exercício do poder, por meio da instalação das Pró-Reitorias. Ao mesmo tempo, com o Estatuto, a Universidade consolidou seu caráter multicâmpus, através



Vestibular: inscrições aumentam e revelam um prestígio crescente

da substituição dos antigos Distritos Universitários, de inspiração geográfica, pelos Núcleos Regionais, onde se integram unidades universitárias e complementares.

A trajetória ascendente da UNESP pode ser traduzida em alguns números: de 1976 a 1991, a área de graduação passou de trinta para 120 cursos, que reúnem mais de 17 mil alunos. No mesmo período, a pós-graduação saltou de apenas um para 73 cursos — dos quais, 49 em nível de mestrado e doutorado —, que registram 2 800 estudantes. Hoje, em 24 unidades distribuídas por quinze câmpus, trabalham cerca de 3 200 professores e 7 200 funcionários.

AVALIAÇÃO DO ENSINO

A expansão quantitativa se alia à busca do aprimoramento da qualidade do ensino — e essas duas tendências se concretizam pela troca de experiências e propostas que une os câmpus. Uma

realização significativa nesse setor é o processo de auto-avaliação dos cursos e discussão de projetos pedagógicos. "Com iniciativas como os Seminários sobre Ensino de Graduação, durante 1990, foi estimulada a reunião de representantes de cursos idênticos para a discussão de assuntos comuns", relata o pró-reitor de Graduação, professor Antônio César Perri de Carvalho.

O processo de avaliação do ensino, aliás, recebe elogios de membros de outras universidades: "A experiência da UNESP é importante pela contribuição dos diferentes cursos na elaboração das propostas", analisa Ana Maria Braga, pedagoga da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que participou de um dos seminários promovidos na área em 1990. "Além disso, a discussão é feita de cima para baixo, envolvendo professores e inclusive alunos", acrescenta ela. O processo de avaliação do ensino de graduação é articulado pelos

Conselhos de Curso de Graduação, que reúnem docentes e estudantes e irradiam as propostas de melhoria do ensino pelo corpo da Universidade.

Da mesma forma, estão sendo priorizadas pela Pró-Reitoria de Graduação as licenciaturas em período noturno. "Entre 1989 e 1991, foram abertas mais de 400 vagas em licenciaturas em nossos vestibulares", expõe o professor Perri. A Pró-Reitoria promove também um diálogo mais intenso entre ensino e pesquisa e, para isso, já foram realizados dois Congressos de Iniciação Científica, em 1989 e 1990. No último deles, que teve a participação de 768 alunos, foram apresentados 552 trabalhos.

Ligado num de seus ângulos à pesquisa, o ensino da UNESP também busca aprofundar sua sintonia com o que é ministrado nas escolas de 1º e 2º graus. Uma das principais áreas em que esse empenho se concentra são os Núcleos de Ensino, experiência exemplar entre as universidades brasileiras. Funcionando como centros de pesquisa educacional, os Núcleos reúnem professores e alunos de licenciatura e outros cursos da Universidade a docentes de 1º e 2º graus e especialistas das Delegacias de Ensino do Estado. "Um de nossos trabalhos mais importantes está avaliando o Ciclo Básico e a Jornada Única implantados em São Paulo", explica a coordenadora do Núcleo de Araraquara, Alda Junqueira Marin. Além de Araraquara, os Núcleos atuam nos câmpus de Botucatu, Marília, São Paulo, Franca, Rio Claro e Jaboticabal e, em breve, estarão presentes também em Assis e Presidente Prudente.

AVANÇO QUALITATIVO

A mesma preocupação de discutir problemas e integrar propostas é visível na área de pós-graduação. Com um acentuado incremento nos últimos anos, a pós-graduação da UNESP soma hoje 400 linhas de pesquisa e possui aproximadamente 3 500 projetos em andamento. O pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, professor Antonio Manoel dos Santos Silva, lembra que, embora as condições materiais não sejam ainda as ideais, a produção dos pesquisadores da Universidade vêm aumentando significativamente: pulou de 95 teses e dissertações, em 1986, para 165 trabalhos em 1990. "Para 1991, a previsão é de que cheguemos a 210 teses e dissertações", estima Antonio Manoel.

Ao analisar a evolução histórica da pós-graduação da UNESP, o professor Ricardo Martins, coordenador geral de programas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), aponta uma melhora significativa dos conceitos concedidos aos



Perri: apoio aos Conselhos de Curso



Antonio Manoel: integração de áreas



curso da Universidade. "A grande maioria dos programas demonstra um desenvolvimento institucional, preocupado com a melhoria de qualidade", observa. Para justificar o desempenho ascendente de seu setor, o professor Antonio Manoel põe em relevo a estrutura dos cursos, montada em linhas de pesquisa, o que define o conjunto das disciplinas a serem cursadas e também a escolha dos docentes e orientadores. "Quando o aluno entra na pós-graduação, já tem definidos o seu orientador e o plano de curso, visando a dissertação ou tese", declara o pró-reitor, lembrando que todos os alunos dos cursos recomendados pela Capes atualmente possuem bolsas de estudo. De acordo com o professor Antonio Manoel, outro fator de melhoria da performance da sua área são os grupos de pesquisa, que, em 1989, totalizaram 264 e que podem reunir até algumas dezenas de pesquisadores cada um.

O pró-reitor também não esquece do papel desempenhado pelos professores, que na pós-graduação chegam a cerca de 900: "Eles não medem sacrifícios e superam dificuldades de todos os tipos", elogia. A maior parte do corpo docente da UNESP — incluindo a pós-graduação e a graduação — é formada por doutores: 41% do total de professores. Os mestres representam 33% do conjunto e os auxiliares de ensino, 26%. Mais de 90% dos docentes são contratados em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa — um grande incentivo para a melhoria do nível dos cursos.

RECURSOS RACIONALIZADOS

A preocupação com a união entre vários setores também norteia as ações da Coordenadoria de Projetos Institucionais de Pesquisa, como explica o seu coordenador, professor Fausto Foresti: "A função da Coordenadoria é organizar projetos que aproveitem de maneira racional recursos como instalações, equipamentos e pessoal especializado", detalha. "Dessa forma, são unidos os esforços de profissionais de várias unidades da UNESP e de diferentes áreas do conhecimento." A racionalização de recursos já coleciona algumas conquistas, como a recente entrada em funcionamento do Centro de Aquicultura e do Centro de Manejo Integrado de Pragas (CE-MIP), ambos em Jaboticabal, Botucatu, e também do Centro de Análise e Planejamento Ambiental (CEAPLA) e do Centro de Estudos Ambientais (CEA), em Rio Claro.

Instalado em agosto de 1989, o Centro de Aquicultura desenvolve um espectro de pesquisas que vai da fisiologia e alimentação até a genética e melhoramento de peixes. Seus trabalhos envolvem cerca de cinquenta pesquisadores de Jaboticabal, Botucatu, Rio Claro e São José do Rio Preto. Essa colaboração multicampus produz projetos avançados, como o de reversão do sexo de peixes através de métodos biotecnológicos para a produção de fêmeas em larga escala, o que aumentará significativamente a produtividade dos criadores. "Estamos esperando que seja aprovado pela Reitoria, em breve, um projeto de estruturação do Centro, para que os trabalhos em andamento sejam dinamizados", afirma o diretor do Centro, professor Newton Castagnoli. Em março próximo, um curso de pós-graduação também iniciará suas atividades no Centro, com áreas de concentração em Aquicultura e Biologia de Organismos Aquáticos.



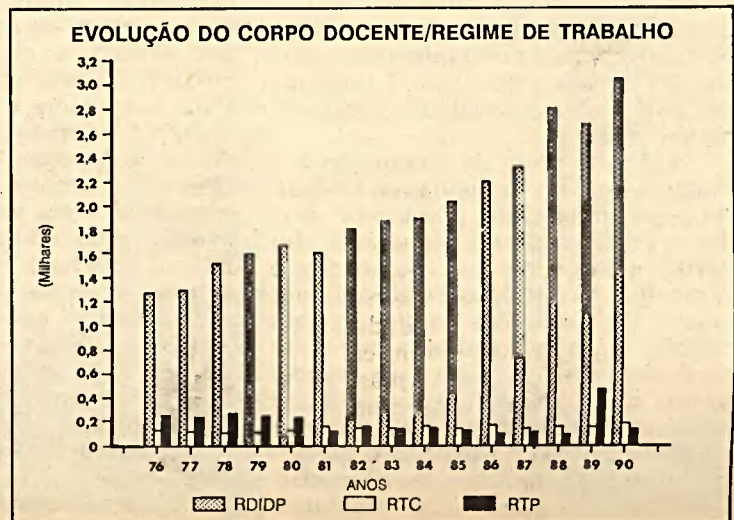
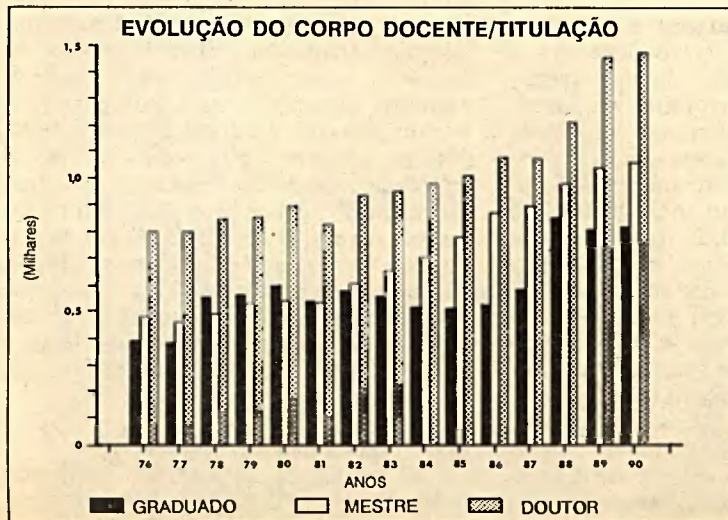
Ruggiero: atraindo recursos externos

Hélio Toth



Fotos Lilo Claret

Centro de Aquicultura: dezenas de pesquisadores e cursos de pós-graduação



Gráficos GIANUNESP

Há outros dez projetos em fase de implantação, sob a supervisão da Coordenadoria — entre eles, o Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos, em Botucatu, e o projeto Ligas Metálicas Alternativas para Uso Odontológico, em Araraquara. Além disso, algumas unidades isoladas mantêm suas próprias iniciativas de pesquisa multidisciplinar. Um exemplo é o Centro de Estudos de Insetos Sociais, do Instituto de Biociências (IB), de Rio Claro, que investiga abelhas, formigas, cupins e vespas. "Reunimos hoje cerca de 25 docentes e quase quarenta alunos de pós-graduação", calcula o supervisor do Centro, professor Osmar Malaspina. Nesse local são estudados bioinseticidas para controle de pragas e produtos químicos para a indústria, além de ser dada assessoria a agricultores e criadores de abelhas.

Porém, a Universidade não se direciona exclusivamente para a pesquisa aplicada. O Instituto de Física Teórica (IFT), por exemplo, localizado em São Paulo, se volta para temas de ponta da pesquisa básica em seu setor, com a física de partículas elementares, física nuclear e física matemática, além de cosmologia e gravitação.

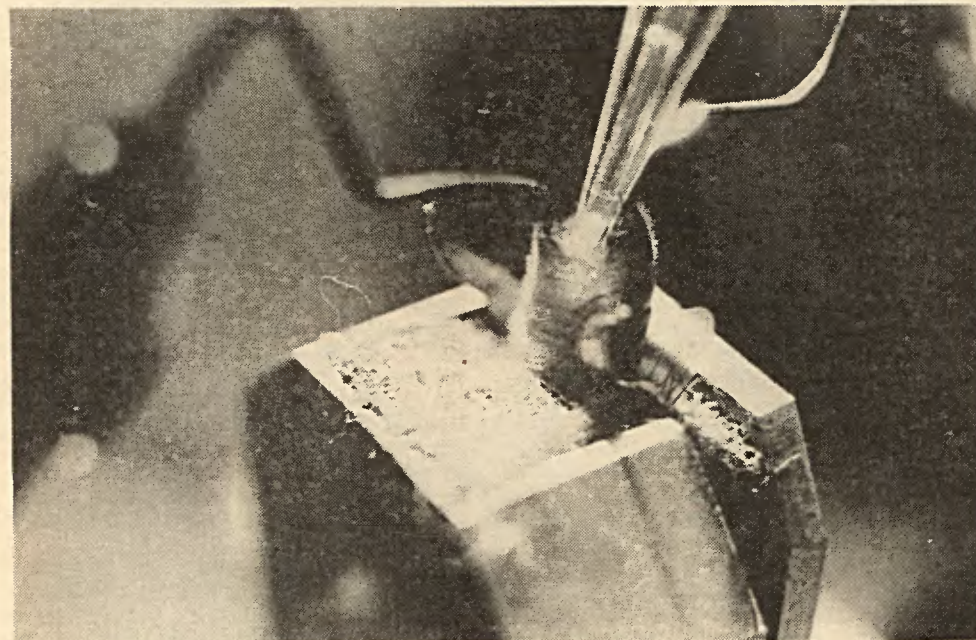
CULTURA E SABER

O trabalho que floresce em áreas, unidades e câmpus é acompanhado por uma produção teórica cuja grande caixa de ressonância é a Editora UNESP. A produção acadêmica da Universidade é hoje veiculada pela Editora através de dezoito revistas especializadas, além de coleções como *Seminários e Debates* e *Natura Naturata*. Seu editor-executi-

vo, professor José Castilho Marques Neto, considera prioritária a publicação de textos dignos de um padrão de ensino universitário de excelência: "Nosso objetivo é criar uma editora atuante, moderna e veículo de divulgação da Universidade no sentido mais amplo", sintetiza. Com aproximadamente trinta títulos publicados, a Editora se projeta no mercado editorial, tendo recebido no ano passado o prêmio Jabuti, pelo lançamento do clássico *Enciclopédia*, no final de 1989.

O ensino e a pesquisa também se propõem a manter um contato constante com a arte e a cultura. Na Bial de São Paulo de 1989, por exemplo, a UNESP chamou a atenção do público com o seu Studio Internacional de Eletrografia, organizado pelo professor Luiz Guimarães Monforte, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicações (FAAC), do câmpus de Bauru. No ano passado, graças a promoções do Instituto de Artes (IA), a cidade de São Paulo recebeu a visita de nomes respeitados no universo artístico, como o compositor Murray Schafer, o percussionista Steven Schick e o pintor Ola Enstad. O IA também chega aos ouvidos do Brasil e de outros países através de performances como a do Grupo de Percussão, dirigido pelo maestro John Boudler, vice-diretor do Instituto.

A reflexão sobre a sociedade contemporânea dá origem a eventos como o ciclo de conferências sobre a Escola de Frankfurt, organizado em agosto do ano passado pela Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara. Já os estudos latino-americanos no Brasil têm recebido crescente contribuição do Centro de Estudos Latino-Americanos (CELA). Em conjunto com a USP e a Unicamp, o CELA promoveu, em outubro de 1990, o V Encontro de Historiadores



Centro de Estudos de Insetos Sociais: apoio a criadores e agricultores

Latino-americanos e do Caribe, reunindo em São Paulo mais de uma centena de estudiosos de quinze países.

VESTIBULAR CONCORRIDO

Paralelamente à penetração da UNESP em vários ramos culturais e campos do saber, ocorre uma progressiva procura dos vestibulandos por suas vagas. Nos vestibulares de 1991, 44 494 candidatos concorreram a 4 240 vagas — um aumento de quase 16% nas inscrições, em relação ao ano anterior. Em 1990, 38 370 estudantes se inscreveram para o mesmo número de vagas, o que também representou uma expansão de 20% na quantidade de inscritos, em comparação com 1989. “Vários de nossos cursos são os mais procurados no sistema universitário paulista”, conclui o pró-reitor de Graduação, professor Perri, observando que muitos desses cursos são considerados de nível excelente por publicações especializadas em ensino universitário.

A Pró-Reitoria de Graduação e a Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp) atualmente promovem estudos e reuniões para a elaboração das normas e programas que vão orientar o vestibular. A confecção e realização dos exames fica por conta da Vunesp, que também organiza pesquisas a partir dos resultados obtidos. Com três grandes provas numa única fase, o vestibular avalia os candidatos nas diversas áreas do conhecimento e privilegia o raciocínio ao invés do conhecimento memorizado. “Queremos selecionar os candidatos mais adequados para as áreas de Exatas, Humanas e Biológicas”, esclarece o diretor-presidente da Vunesp, Carlos Felício Vanni.

Dados como os do vestibular, de acordo com o pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, professor Carlos Ruggiero, são a consequência do esforço de tornar a Universidade mais conhecida. O pró-reitor menciona como iniciativa bem-sucedida o programa “Venha nos Conhecer”, que tem como meta aproximar a Universidade dos alunos de 2º grau, através de uma programação com as escolas que inclui visitas e mostras de vídeo sobre a UNESP. “No ano passado, o ‘Venha nos Conhecer’ foi realizado em quatorze câmpus e reuniu cerca de 35 mil visitantes”, contabiliza o professor Ruggiero. Ele cita também a repercussão de outro evento organizado em sua área, a “Expounesp”, um painel de todas as áreas da Universidade, que atraiu mais de 50 mil visitantes a Bauru, em setembro do ano passado, e no futuro deverá percorrer os demais câmpus.

RECURSOS EXTERNOS

Ao mesmo tempo que busca conquistar corações e mentes dos estudantes e do público, a UNESP deseja se integrar mais com o setor público e privado. O professor Ruggiero coloca em evidência a importância do Programa para Captação de Recursos e Transferência de Tecnologia (Procare), coordenado em conjunto com a Pró-Reitoria de Administração e Desenvolvimento. “Com o Procare, vamos fornecer tecnologia e serviços ao setor produtivo e receber recursos para nosso funcionamento”, explica. A colaboração com a administração pública também será reforçada com o Programa Parceria, que prevê o apoio a Prefeituras onde a UNESP possui câmpus, em setores que vão do saneamento à elaboração de planos diretores. Outra das atividades que o professor Ruggiero relaciona é o Programa de Apoio ao



Freire-Moio: contatos com o exterior

Estudante, que administra o setor de moradias estudantis — instaladas em sete câmpus — e as cerca de mil bolsas oferecidas a alunos.

As atuais dificuldades econômicas que afetam o país estão levando a UNESP a alterar muitas de suas metas. Para o vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, professor Arthur Roquete de Macedo, muitos projetos serão revistos, suprimidos ou implementados em ritmo mais lento. No entanto, ele acentua que todos os itens básicos do Plano Trienal — que determina as diretrizes da gestão do professor Landim — estão em andamento. O pró-reitor destaca o que já foi alcançado pela Assessoria de Captação de Recursos Extra-orçamentários (Acare), ligada ao Procare: “Nos últimos dois anos, foram obtidos US\$ 40 milhões em convênios”, recorda. “Essa entrada de dinheiro extra-orçamentário representa um dado muito positivo para a Universidade.” Apenas um desses convênios, firmado com o governo de Israel, no valor total de US\$ 17 milhões, possibilitou a instalação de avançados equipamentos didáticos nos laboratórios de Ciências Exatas de sete unidades da Universidade. Somente em 1990, 130 convênios foram firmados com os setores público e privado.

Além do Procare, o professor Arthur menciona como metas fundamen-



Castilho: editora moderna e atuante

tais a ampliação do investimento em bibliotecas, a reforma administrativa da Universidade e a implantação dos Planos de Carreira do Corpo Técnico-administrativo e de Assistência Médico-odontológica para a comunidade universitária. Também nesses campos podem ser enumerados avanços como, por exemplo, o aumento dos recursos às bibliotecas. “No próximo orçamento da Universidade, o valor investido nessa área será quadruplicado”, adianta o vice-reitor. Da mesma forma, já foi instalada em Araraquara a Unidade de Atendimento Médico-odontológico-social (Unamos), que já prestou serviços a centenas de pessoas da comunidade universitária local e cuja experiência de sucesso será no futuro estendida a outros câmpus.

MATERIAL HUMANO

O professor Arthur não concorda com as críticas de que a Reitoria teria uma participação excessiva nos recursos de custeio da Universidade (veja quadro às páginas 10 e 11). “Dentro dos 40% alocados na Reitoria, cerca de 21% são destinados ao pagamento de atividades não-administrativas, que beneficiam todas as unidades universitárias”, informa o pró-reitor, acrescentando que, nos valores repassados para essas atividades, estão subvenções para a Fundação para o Desenvolvimento da UNESP (Fundu-

nesp), aquisição de livros e assinaturas de periódicos para as bibliotecas, vales-refeição, além de auxílio-moradia e bolsas de estudo para os alunos. “Portanto, a participação da Reitoria cai para 19,89%”, revela.

Enfim, a UNESP também pode encarar com otimismo seu contato com o exterior: “Hoje, existem mais de quarenta convênios, com vinte países, nas mais variadas áreas”, estima o professor Ademir Freire-Maia, que dirige os trabalhos da Assessoria de Relações Internacionais (Arint). Ao lado dos convênios, a ligação com a comunidade acadêmica internacional se solidifica com iniciativas como a participação na Universidade Ibero-americana de Pós-graduação (UIP), congrega 81 universidades de 18 países de língua espanhola e portuguesa e procura aprimorar o ensino e a atividade científica entre suas associadas. Muitos docentes da UNESP também recebem reconhecimento no exterior por seu trabalho: em 1990, por exemplo, os professores Mário Sérgio Palma e Sang Won Han, do IB-Rio Claro, foram premiados pela União Internacional das Sociedades de Microbiologia, com sede no Japão.

Os inúmeros exemplos que confirmam a consolidação da UNESP no seu 15º aniversário sem dúvida deixam bastante satisfeito o reitor, professor Landim. Mas ele está longe de pensar que a integração de todos os câmpus e unidades, apesar dos progressos palpáveis, já é um obstáculo superado: “Nosso desafio ainda é transformar nossas estruturas numa universidade”, esclarece. Para que essa proposta se torne um fato consumado, o reitor assinala que há um grande problema a ser resolvido: o atual orçamento, ainda insuficiente. Por outro lado, o professor Landim sabe que, no esforço pela definição de uma identidade, conta com um grande aliado, a própria coletividade unespiana: “A melhor coisa que possuímos é nosso material humano”, enfatiza.

A avaliação das co-irmãs, USP e Unicamp

As três universidades paulistas formam um sistema educacional sem paralelo entre os demais Estados brasileiros. Vários dos melhores cursos de graduação e mais da metade dos cursos de pós-graduação se concentram no poderoso grupo formado pela UNESP, USP e Unicamp. A consolidação do triângulo universitário paulista aponta numa mesma direção — a busca do ensino de alto nível —, mas também afirma as características próprias de cada uma de suas componentes. No momento em que “debuta”, a UNESP consolida seu traço distintivo, ou seja, a distribuição por todo o Estado, realçado pelos dirigentes das outras duas universidades estaduais.

“A cobertura de todo o território paulista dá à UNESP uma peculiaridade que a torna rica”, define o reitor da USP, professor Roberto Leal Lobo e Silva Filho. De acordo com o reitor da Unicamp, professor Carlos Vogt, a criação da UNESP foi o grande marco na interiorização do ensino e da pesquisa no Estado: “Pode-se dizer que, na esteira da sua criação, o interior se consolidou tecnologicamente e intelectualmente”, assegura. O professor Vogt também focaliza a mudança representada pela reunião dos antigos Institutos Isolados numa Universidade: “A aglutinação de ensino, pesquisa e extensão, antes isolados, deu-lhes uma filosofia, um direcionamento e um padrão de qualidade”, resume.

APRIMORAMENTO E VARIEDADE

Como docentes e dirigentes universitários, os professores Lobo e Vogt acompanharam a



Lobo, da USP: união de esforços

trajetória da mais nova universidade pública paulista e analisam sua evolução: “A UNESP tem feito um grande trabalho de aprimoramento de seu pessoal”, opina o reitor da USP. Na avaliação das condições presentes da UNESP, o professor Vogt também pensa no futuro: “A multiplicidade dos cursos e a variedade das áreas de excelência justificam plenamente esses quinze anos de existência e abrem para a UNESP uma longa perspectiva histórica”, confirma o reitor da Unicamp.

Pragmático, o professor Lobo aproveita a oportunidade para sugerir uma aproximação maior das três universidades, com o objetivo de realizar trabalhos conjuntos: “Podemos de-

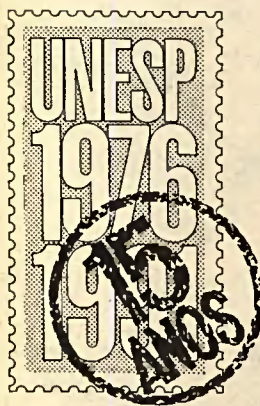


Vogt, do Unicamp: padrão de qualidade

envolver programas científicos e tecnológicos onde cada universidade ofereceria o que tem de melhor”, expõe ele, destacando que a união de esforços poderia render bons resultados em áreas como a reciclagem de professores da rede estadual de 1º e 2º graus. O professor toma como exemplo o que é feito por universidades estaduais dos Estados Unidos para justificar sua proposta: “O Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais do Estado de São Paulo) poderia definir com o governo paulista um programa de atuação conjunta”, argumenta. Segundo o professor Lobo, essa articulação permitiria uma economia de muitos recursos hoje gastos isoladamente.

Com os pés no interior e olhos no futuro

O contato com o interior de São Paulo — uma das regiões de maior potencial econômico do Brasil — marca o perfil da UNESP. Essa ligação, que garante a consolidação da Universidade, permite que ela ofereça produtos, serviços e informações valiosos tanto para agricultores e criadores como para empresas de atividades variadas. Em suas instalações, a população também recebe assistência em áreas como tratamento médico-odontológico ou assessoria jurídica.



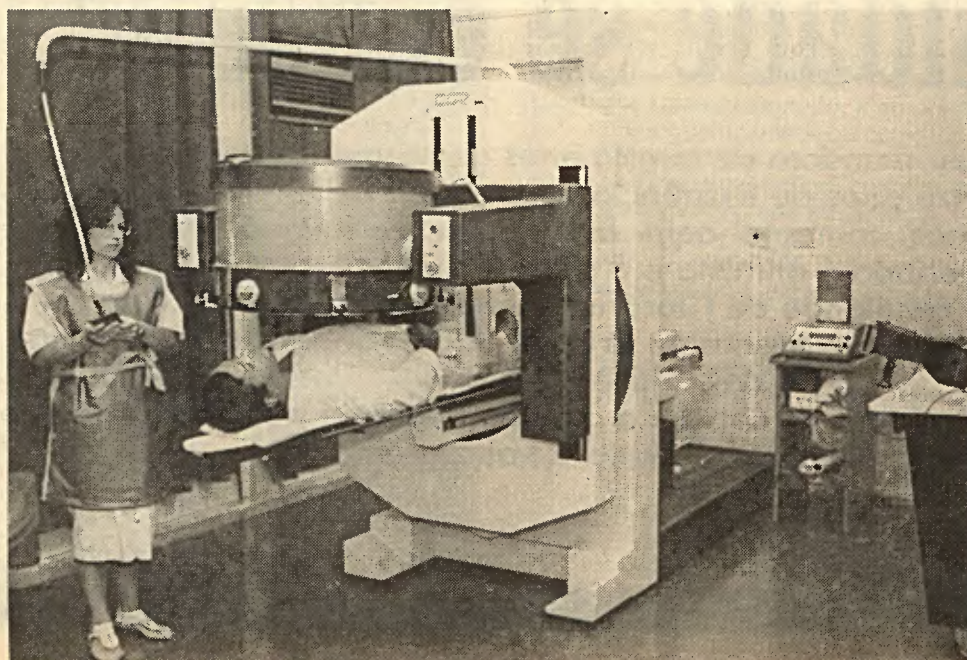
Quando a UNESP despoitou na constelação universitária brasileira, a dispersão de seus câmpus gerou em muitas pessoas um certo ceticismo. Afinal, a Universidade se distribuía pelos mais de 247 mil km² do Estado, em municípios de diferentes características e graus de desenvolvi-

mento. Mas, se algum dia chegou a ser forte, essa dúvida se desvaneceu. A presença no interior paulista, que parecia um sinal de fraqueza, mostra cada vez mais ser uma vantagem. A Universidade assenta seus alicerces numa região que disputa com a Grande São Paulo a primazia de ser o maior pólo econômico do país. E é na sua integração com essa área dinâmica e diversificada que a UNESP tece o próprio futuro.

O contato com o panorama interiorano se evidencia numa das funções básicas da Universidade: a prestação de serviços à comunidade. Sua atuação social está cristalizada em locais como o Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina (FM), câmpus de Botucatu, que atende basicamente a região formada por Botucatu, Avaré, Itapetininga e Bauru, com uma população de 3,5 milhões de habitantes. "Porém, muitos pacientes vêm da capital e de outros Estados, principalmente do Paraná", assegura a professora Dinah Borges de Almeida, diretora da FM. Apenas em 1990, o HC realizou mais de 183 mil consultas ambulatoriais, 14 mil internações e 5 mil cirurgias.

Pela qualidade de seus serviços — que vão do atendimento primário aos mais complexos procedimentos terapêuticos —, o HC é considerado pela Secretaria de Saúde do Estado um Hospital de Referência. Outros dois Centros de Referência que a UNESP ostenta são o Laboratório de Hemoglobinas e o Laboratório de Querquerologia, ambos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), de São José do Rio Preto. O primeiro desenvolve um trabalho de prevenção de anemia hereditária — uma doença letal — na região. "Recebemos amostras de sangue e do cordão umbilical de toda a criança nascida em nosso município", explica o diretor do Ibilce, professor Paulo César Naoum. Ao Laboratório de Querquerologia cabe o controle da raiva transmitida por morcegos nos arredores de Rio Preto.

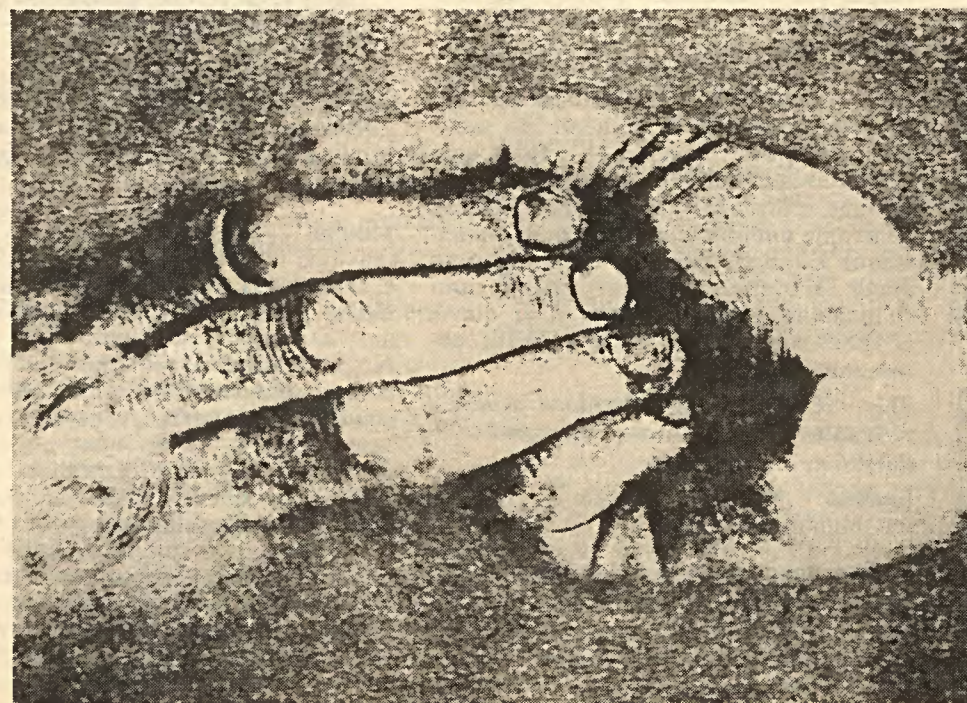
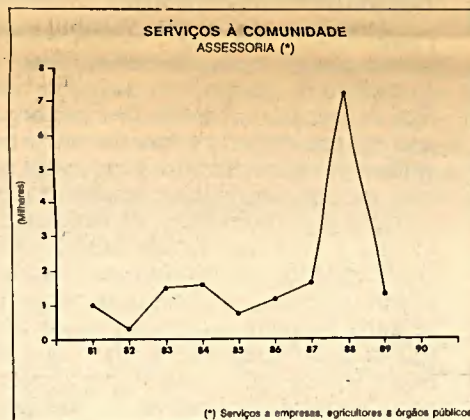
A saúde da população do interior também recebe atenção em várias outras unidades da UNESP. É o caso de São José dos Campos, Araraquara e Araçatuba, cujas Faculdades de Odontologia



Hospital das Clínicas de Botucatu: equipamentos modernos



Arthur: crescimento e descentralização



Gravura de Jesus Brava, na Studia de Eletragrafia: presença na Bienal

não se limitam apenas a serviços de atendimento básico. São José dos Campos, por exemplo, reúne três centros especializados: o Centro de Oclusão e Articulação Têmporo-mandibular, o Centro de Estudo e Tratamento das Deformidades Lábio-palatais e o Centro de Prótese Buco-maxilo-facial. Neles, são tratados desde pacientes com lábio leporino e outras máis-formações até pessoas que necessitam reconstituir partes do seu rosto, como o nariz e os olhos. Em Araçatuba, o Centro de Atendimento Odontológico a Excepcionais registra o tratamento de cerca de 5 mil pacientes.

ATENDIMENTO E PESQUISA

Em alguns casos, esse atendimento aos pacientes se liga a pesquisas pioneiras no país. No Instituto de Biociências (IB), campus de Botucatu, por exemplo, atua o Grupo de Citogenética Oncológica, que investiga a susceptibilidade genética ao câncer e a determinação das alterações cromossômicas primárias que levam ao desenvolvimento da doença. "Nosso objetivo é fazer uma medicina

(cont. à página 10)

PAULO MILTON BARBOSA LANDIM

Apesar das dificuldades, a Universidade se consolida

Completando a metade de seu mandato de quatro anos no momento em que a Universidade comemora quinze anos de existência, o reitor da UNESP, professor Paulo Milton Barbosa Landim, 53 anos, comenta aqui as dificuldades e conquistas dessa trajetória. "A avaliação do período é otimista e o saldo, positivo", garante. Geólogo formado em 1961 pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, professor de Geologia Geral em Rio Claro, presidente do Cruesp, Paulo Landim fala ainda da grave crise econômica vivida pelo país, das relações da Universidade com o governo estadual e com a empresa privada e reconhece a crescente identificação da UNESP com a sociedade, "fruto de um trabalho sério, contínuo e transparente".

Entrevista a André Louzas e Paulo Velloso

JORNAL DA UNESP — A UNESP está completando 15 anos. O senhor considera a Universidade plenamente consolidada?

Paulo Milton Barbosa Landim — Plena-mente consolidada, não. Mas, nesse curto espaço de tempo, ela avançou muito. Por definição, universidade é um organismo que tem de gerar conhecimento e transmitir esse conhecimento. Em termos práticos, tem que ensinar, pesquisar e prestar serviços à comunidade. E, fundamentalmente, é isso que temos feito: geramos conhecimento e transmitimos esse conhecimento. Então, nesse sentido, nestes quinze anos eu acho que conseguimos constituir uma universidade. É claro que ainda não é aquela universidade que a gente sonha, perfeita, irretocável — até porque eu acho que isso não existe. Somos uma universidade heterogênea, com desenvolvimento desigual em suas diversas áreas, e temos muito ainda que melhorar.

JU — Estes 15 anos estão sendo vistos como um marco, a partir do qual a Universidade viveria uma nova etapa em sua vida?

Landim — É claro que uma data como essa é sempre uma oportunidade para fazermos algumas avaliações e repensarmos uma série de coisas. Mas, na verdade, a Universidade não tem apenas estes 15 anos, mas por volta de 30 anos, que é a idade da maioria dos Institutos Isolados. Quando a UNESP foi criada, houve reações de alguns desses institutos, uma resistência à ideia de se juntarem e se tornarem um único organismo, uma universidade, enfim. E essa crise — porque foi uma crise — se prolongou até há seis, sete anos, com a posse do professor Jorge Nagle que, com rara competência, iniciou esse trabalho de unificação da UNESP e fez com que as unidades entendessem, enfim, que pertenciam a uma determinada estrutura universitária. Acredito que, nestes quinze anos, foi feito um bom trabalho, mas também tenho que ser bastante cla-

ro e dizer que esse trabalho foi mais significativo nos últimos seis anos. Acho que, hoje, a UNESP sabe perfeitamente qual é o seu papel, a missão de que está imbuída e onde está inserida.

JU — O senhor citou o caso da posse do professor Jorge Nagle como um marco dentro da história da UNESP. Poderia falar um pouco mais sobre esse período?

Landim — No período pré-Nagle, o que existia, independentemente de eventuais críticas aos reitores que me antecederam, era uma resistência explícita das unidades em se amalgamarem numa única universidade. Um grande número de pessoas achava, inclusive, que a Universidade iria ser destruída, que a UNESP não tinha sentido. Havia um clima de desconfiança muito grande na Universidade e, inclusive, brigas entre unidades, porque algumas achavam que tinham tido menos privilégios do que outras. E o trabalho do Nagle, nos quatro anos em que eu tive, inclusive, o prazer de colaborar com ele, como vice-reitor, foi exatamente no sentido de desarmar os espíritos e fazer com que houvesse realmente um entendimento, que todos entendessem que estavam dentro de um único organismo, a Universidade Estadual Paulista. O trabalho do Nagle foi muito significativo porque marca exatamente esse ponto. É aí que a UNESP começa realmente a existir como universidade.

JU — Uma vez estabelecida a ordem e seranados os ânimos, qual foi o próximo passo?

Landim — Quando o Nagle terminou o seu mandato, a missão que eu logo percebi ter era a busca de uma identidade para a UNESP. Nós sabemos perfeitamente qual é a característica da USP e qual a característica da Unicamp. Então, qual seria a característica da UNESP? Nós estamos distribuídos por uma área muito grande, por praticamente todas as regiões do Estado. Isso, que num primeiro momen-

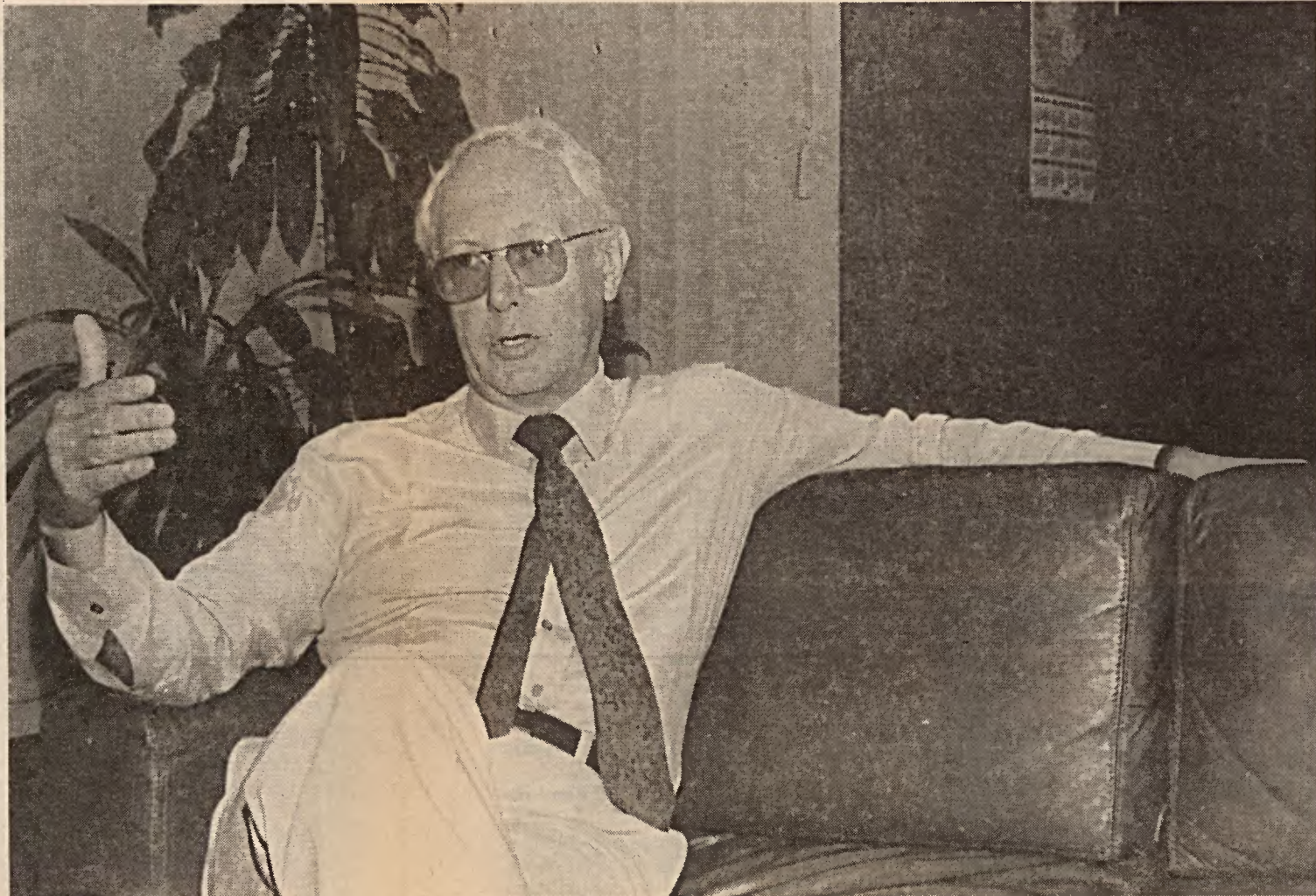
to se apresentou como uma dificuldade, hoje se revela uma grande vantagem. Pen-se na área de influência que a gente passou a ter! Nós coordenamos o ensino superior no interior do Estado de São Paulo, que é uma das áreas mais importantes do Brasil, se não for a mais importante. Então, nós somos a universidade do interior do Estado.

JU — O senhor completou há pouco dois

"A Universidade não é uma ilha isolada. Ao contrário, está inserida numa sociedade que vive um período recessivo"

anos de mandato. Nesse período, a Universidade viveu grandes mudanças, principalmente com a autonomia e com o novo Estatuto. Qual a avaliação que o senhor faz desse período?

Landim — Mesmo com todos os problemas que vivemos nessa fase, a avaliação é, sem dúvida, positiva. Conseguimos viabilizar todas aquelas ideias que defendemos e pelas quais lutamos no período Nagle. E acredito que temos um dos Estatutos mais avançados do país, mais condizente com a realidade das universidades brasileiras. Se temos uma universidade distribuída, por que centralizar as decisões? A escolha de um diretor, por exemplo, não é mais feita pelo reitor. É a própria comunidade que elege o seu diretor, segundo regras que ela mesma estabelece. Os chefes de Departamento também são eleitos dessa maneira. Pois bem, nós conseguimos, durante o ano de 1989, implantar esse Estatuto. Os órgãos colegiados foram devidamente implantados, foram eleitos os conselheiros, criamos um novo or-



Lilo Clarel

gão, o CADE (Conselho de Administração e Desenvolvimento) e, além disso, começamos a viver um novo período da história da universidade brasileira, com a autonomia da gestão financeira. Porque, se estamos tendo problemas de ordem orçamentária, isso de forma alguma empana o brilho desse momento. A autonomia universitária deve continuar existindo. O que falta é um ajuste orçamentário, e isso se consegue. É evidente que, em função desse fato, a comunidade atravessa agora um momento de inquietude e de ansiedade, mas isso é superável. O importante é que ela começou a aprender a viver dentro da autonomia, a decidir o seu destino. Então, a avaliação é otimista e o saldo, positivo.

JU — A autonomia de gestão financeira obrigou a uma revisão orçamentária. Como ela foi feita?

Landim — Talvez este seja o meu principal propósito: a descentralização de decisões. Iniciamos uma reforma orçamentária a partir da qual o orçamento será destinado à unidade e o diretor terá poder de decisão a respeito do endereçamento dessa verba. É claro que, num primeiro momento, nós teremos algumas dificuldades, mas para isso criamos o CADE, que deve acompanhar o desenvolvimento do orçamento deste ano, em cada unidade. Assim, no final do ano, o projeto de orçamento para 1992 já será feito em novas bases. Até agora, o orçamento vinha sendo feito em função de uma série histórica, com as unidades recebendo os mesmos percentuais, e isso acaba perpetuando possíveis distorções. O que se pretende com essa comissão é que cada unidade receba de acordo com o seu desempenho.

JU — Observa-se claramente que a sua gestão vem acompanhando o que foi estabelecido no chamado Plano Trienal. Nesse sentido, o que foi feito e o que cumpre ser realizado nestes próximos dois anos?

Landim — Dentro das diretrizes do Pla-

no Trienal, acredito que o aspecto acadêmico tem tido um peso bastante grande. Em 1990, que nós chamamos de Ano do Ensino, discutiu-se bastante e tomaram-se muitas decisões importantes nesta e em outras áreas também. Tivemos uma preocupação especial com os currículos de graduação e com o surgimento de novas áreas de pós-graduação. E estivemos bastante envolvidos, igualmente, com a criação de novos centros, como o de insetos sociais e o de venenos e animais peçonhentos. E estas são iniciativas que procuram dar importância maior ao ensino e à pesquisa, uma preocupação acadêmica. Como se percebe, o que vem atrapalhando o desenvolvimento do Plano Trienal é muito mais um problema orçamentário do que propriamente uma indisposição da comunidade.

JU — 1990 foi o Ano do Ensino, 1991 o da Pesquisa...

Landim — ... e, no último ano do meu mandato, nós deveremos viver o Ano da Avaliação. Ainda que estas coisas não sejam estanques, nitidamente separadas, as decisões serão mais voltadas, este ano, para a pesquisa. Na verdade, devido a essa crise que estamos vivendo, fomos obrigados a tomar algumas decisões que, fatalmente, levarão a uma avaliação da Universidade. Essa avaliação, que se pensava fazer no próximo ano, acabou sendo antecipada. Nós fomos obrigados a avaliar determinados procedimentos, principalmente do que, no momento, tornou-se superfluo. Devemos cortar o superfluo para garantir o essencial. E a qualidade do ensino é essencial, o desenvolvimento da pesquisa é essencial.

JU — O senhor já abordou várias vezes a questão da atual crise econômica, em editoriais na grande imprensa e mesmo aqui, no Jornal da UNESP, sempre se referindo à questão do percentual insatisfatório do ICMS, que é de 1,94%. Quais são as perspectivas de uma melhora, nes-

se momento de mudança do governo do Estado? E mais: ainda que se aumente o percentual, essa forma, que impede uma programação orçamentária a médio prazo, é ideal?

Landim — Eu já não tenho dúvida de que vamos conseguir mudar o percentual dentro em breve. A minha luta, agora, é conseguir repassar verbas para pagar o déficit que a Universidade tem. Quanto à segunda parte da pergunta, desde que a arrecadação atinja um patamar mínimo, um piso, vamos dizer assim, acho

"A UNESP está madura o suficiente para oferecer sua colaboração ao governo do Estado em muitas áreas"

que essa forma, se não ideal, é bastante razoável.

JU — Qual seria o percentual mais adequado às reais necessidades da UNESP?

Landim — Os vários estudos feitos a respeito indicam 2,4%, em substituição ao atual 1,94%. Se eu tivesse tido esse percentual durante o ano de 1990, nós certamente teríamos terminado o ano como a Unicamp que, mesmo numa fase conjuntural dessas, extremamente complicada, conseguiu atravessar o ano direitinho. Porque ela tem um percentual adequado, que lhe permitiu isso. E a USP e a UNESP, que não têm um percentual à altura de seus compromissos, tiveram seus problemas agravados. Mas vale frisar que, mesmo com estes 2,4%, nós não vamos resolver todos os nossos problemas. Esse é um percentual mínimo para que consigamos manter o que já conquistamos. O que não é possível é chegarmos ao final

do ano com um déficit de mais de Cr\$ 3 bilhões.

JU — Como essa recessão econômica que estamos vivendo tem afetado a UNESP?

Landim — Em 1989 nós tínhamos o mesmo percentual, que já sabíamos ser insuficiente. Mas vivíamos um período de inflação, e não de recessão. Então, com uma competência muito grande, conseguimos aplicar esse dinheiro e os rendimentos mascararam a situação estrutural. E o resultado foi que conseguimos atravessar 89 com uma certa tranquilidade. No final do ano, a gente apresentou ao governo uma proposta de reajuste, para podermos pagar o 13º salário, que nos foi negado. Nós cobrimos o montante e abrimos um flanco que foi se agravando. Com a recessão e a consequente queda na arrecadação do ICMS, começaram a acontecer coisas que há anos não aconteciam, como os atrasos de pagamentos, por exemplo. A Universidade não é uma ilha isolada, ela está inserida na sociedade, e é o país todo que está vivendo um período de recessão.

JU — O senhor reuniu-se recentemente com o futuro governador, Luiz Antônio Fleury Filho. Como foi esse encontro?

Landim — A conversa foi muito positiva. Na verdade, pouco falamos na questão do percentual, porque sei da disposição do futuro governador em rever esses números. Falamos muito mais sobre os projetos que a UNESP desenvolve e no que ela tem para oferecer ao Estado de São Paulo. Acho que a UNESP está madura o suficiente para oferecer sua colaboração ao governo, sobretudo no que diz respeito ao 1º e 2º graus. Aliás, esse é o grande desafio do governo, da sociedade paulista: o ensino de 1º e 2º graus, que está muito ruim. E a UNESP tem plenas condições de colaborar, e muito, nos futuros projetos do governador nessa área. E também nas áreas agropastoril, da saúde e do meio ambiente, entre outras.

JU — O senhor já disse que este será um ano de contenção de gastos, que os recursos advindos do ICMS não serão suficientes para custear todas as atividades da Universidade...

Landim — Mesmo com a alteração do percentual, nós não vamos resolver todos os nossos problemas. Universidades do mundo todo, mesmo as várias vezes centenárias, têm problemas de orçamento. E a maneira encontrada por elas é procurar outros recursos, outras fontes que não o estado. E já há algum tempo, nós entendemos que devemos fazer o mesmo. Há, inclusive, vários contatos já feitos. O problema é que, por aqui, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos, por exemplo, onde a relação entre a universidade e a empresa privada é bastante íntima, ainda existem algumas resistências. Por parte da universidade, que teme um comprometimento excessivo com a indústria, e por parte da indústria, que acha que os professores não sejam capazes de cumprir prazos.

JU — Como presidente do Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais do Estado de São Paulo), que reúne três das principais universidades brasileiras, e também como reitor da UNESP, como o senhor vê a situação do ensino, principalmente do 3º grau, hoje, no país?

Landim — Se considerarmos apenas o Estado de São Paulo, eu não sou pessimista, não. Como professor, constato que o nível dos alunos que estão chegando à universidade tem melhorado. O problema se agrava quando se considera a

situação nacional. A gente sabe que as universidades federais sofrem determinados problemas, principalmente de verba, e isso acaba influenciando o nível de ensino. As particulares, com as honrosas exceções das PUCs e de algumas outras, simplesmente dão aulas, não formam realmente os alunos. Então, eu volto àquilo que disse há pouco: o problema do Estado de São Paulo não é com a universidade, mas com o ensino de 1º e 2º graus.

JU — O Governo Collor está prestes a completar um ano. Gostariamos que o senhor avaliasse o seu desempenho, até aqui, na área da Educação.

Landim — Não dá para avaliar. Acho que ninguém sabe ao certo o que está acontecendo. Acabam de baixar uma norma para que tenhamos 200 dias letivos, quando se sabe que o número de dias não tem a menor importância. O que importa é a qualidade de cada um desses dias. Realmente, não deu para perceber ainda qual a mudança ocorrida durante o Governo Collor em relação ao Ensino.

JU — O Governo Collor vem enfatizando a questão de se priorizar a pesquisa

"A verdadeira autonomia a universidade consegue quando conquista a confiança e o respeito da sociedade"

aplicada em detrimento da pesquisa básica. Como o senhor vê essa questão?

Landim — Em todos os países onde a tecnologia é avançada, a pesquisa básica também é muito forte. Então, se não houver um equilíbrio entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, nós não vamos desenvolver a pesquisa tecnológica e passaremos, dentro em pouco, a simplesmente repetir procedimentos. A médio prazo, teremos problemas seriíssimos.

JU — Outra questão que tem sido colocada, também com certa insistência, nos últimos meses, é a do ensino universitário pago, usando-se como argumento que apenas as elites estariam se beneficiando dele.

Landim — Esse é outro grande equívoco. Em primeiro lugar, é obrigação do Estado oferecer ensino gratuito a todos aqueles que tenham capacidade e competência para tal, independentemente de sua origem sócio-econômica. Então, a universidade tem que ser gratuita. Numa universidade paulista, o aluno custa por volta de US\$ 8 mil por ano. Que família, aqui no Estado de São Paulo, tem US\$ 8 mil para pagar uma universidade? O que está errado, o que é injusto, é a renda "per capita" do cidadão brasileiro médio. Eu nem sei de onde surgem essas ideias infelizes, que não resolvem nada e servem apenas para conturbar ainda mais uma situação já por si complexa e delicada.

JU — Há sinais evidentes de que a sociedade tem reconhecido mais e mais a importância das atividades da UNESP. O senhor atribui a quê este fato?

Landim — Ao trabalho sério e contínuo que temos desenvolvido nestes anos todos. De fato, há um movimento generalizado no sentido de uma afirmação da UNESP, e isso é muito importante, porque a verdadeira autonomia a universidade consegue quando conquista a confiança e o respeito da sociedade.

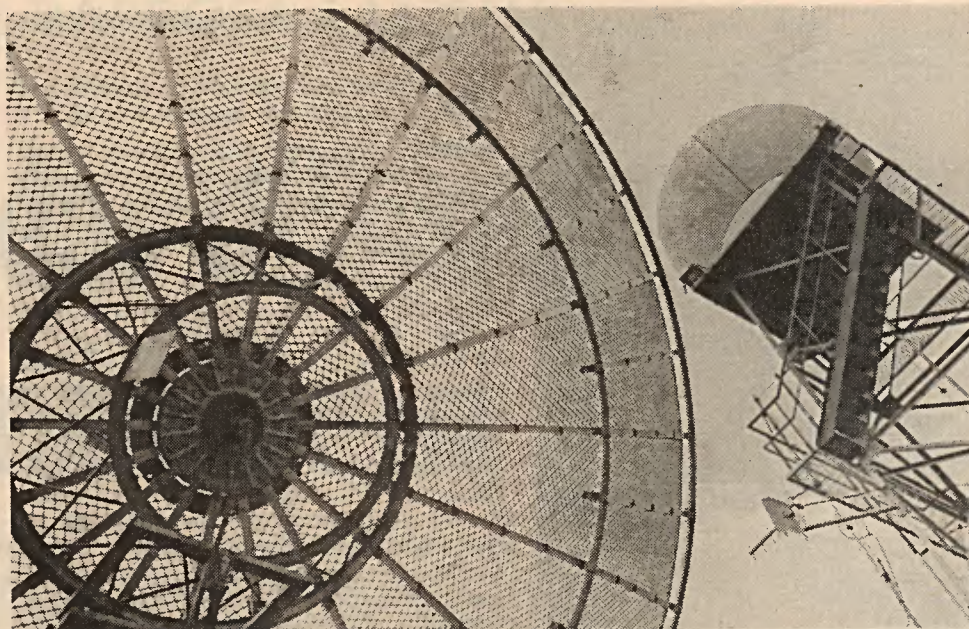
(cont. da pág. 7)

preventiva, determinando na população os indivíduos que tenham susceptibilidade ao câncer", explica o coordenador do Grupo, professor Edmundo de Lucena. A equipe realiza trabalhos com pacientes do Hospital das Clínicas da FM/Botucatu e no Hospital Amaral de Carvalho, de Jaú.

Crianças, adolescentes e adultos com dificuldades de aprendizagem na região de Marília podem procurar o Centro de Orientação Educacional e a "Sala 14" da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Já o Centro de Psicologia Aplicada da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis, fornece tratamento terapêutico à comunidade. O mesmo tipo de serviço chega à população carente de Bauru e redondezas através do Núcleo de Atendimento Psicossocial da Faculdade de Ciências (FC).

Por sua penetração na sociedade, esses centros se tornam locais privilegiados para estágios, em que os alunos entram em contato com a realidade para estágios, em que os alunos entram em contato com a realidade local e enriquecem o conhecimento que recebem na sala de aula. Isso ocorre também no campo do Direito, onde um importante canal de ligação do ensino à extensão é o Escritório de Atendimento Jurídico-Social, que há quase um ano funciona na Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), câmpus de Franca. Nesse escritório é prestado apoio jurídico e assistência social a pessoas mais necessitadas.

Da mesma forma que está voltada para a população carente, a Universidade dá sua contribuição ao processo econômico que floresce em diversos pontos do Estado. Sua atuação no setor agropecuário por exemplo, utiliza um "arse-



O IPMet e a meteorologia: informações valiosas ao homem do campo



Expounesp: vitrine da Universidade, com mais de 50 mil visitantes

nal" que inclui cinco fazendas em Botucatu, Jaboticabal e Ilha Solteira. As experiências feitas nesses locais — que somam 5 mil hectares — dão origem a produtos e serviços que melhoram a condição das plantações. Foi o que aconteceu com a técnica de adaptação do alho-nobre a regiões de clima quente, elaborada pelo professor Shizuo Seno, do Departamento de Agronomia da Faculdade de Engenharia (FE), câmpus de Ilha Solteira.

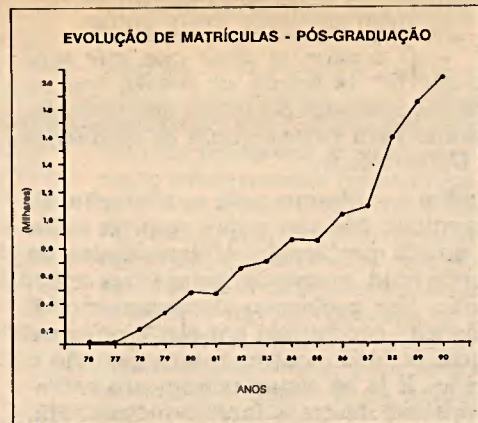
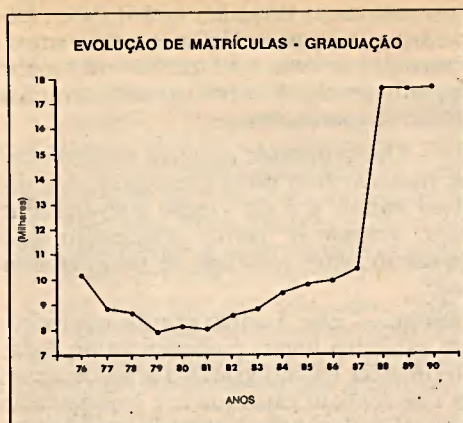
NOVOS TOMATES

No Laboratório de Apoio do Instituto de Química (IQ), de Araraquara, os agricultores podem obter análises sobre o solo em que vão lançar suas sementes. Eles podem ainda assimilar métodos inovadores de controle das pragas que atacam sua cultura — um trabalho promovido pelo Centro de Manejo Integrado de Pragas (Cemip), do câmpus de Jaboticabal. O contato com novas técnicas também abre horizontes para os criadores de animais. A criação de ovinos — ovelhas, carneiros e cordeiros —, por exemplo, está se expandindo em São Paulo, graças à difusão de conhecimentos feita pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), de Botucatu. Se o problema for a saúde dos animais, os proprietários têm à sua disposição os Hospitais Veterinários dos câmpus de Botucatu e Jaboticabal.

Fundamentais para o homem do campo, as condições climáticas do Estado são previstas e analisadas pelo Instituto de Pesquisas Meteorológicas (IPMet), do câmpus de Bauru. A importância do IPMet, dirigido pelo professor Roberto Calheiros, é ressaltada por Marcelo Presti, meteorologista da Copersucar, cooperativa que congrega produtores de cana, açúcar e álcool de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Paraná: "A UNESP nos fornece informações valio-

Fotos Lilo Claret

Hélio Toth



Gráficos GIUNESP



Atendimento a animais no Hospital Veterinário da FMVZ, em Botucatu

Mais diálogo, menos burocracia

Aniversários também podem ser momentos de reflexão. Nos quinze anos da UNESP, representantes da comunidade universitária analisam suas condições atuais, tocam em problemas, fazem críticas e sugestões. A situação presente, segundo Lucia Lodi, presidenta da Associação dos Docentes da UNESP (Adunesp), possui uma característica especial: "Ao mesmo tempo que a Universidade vive uma profunda crise financeira, há entre os professores uma grande disposição de rever a Universidade por inteiro", comenta.

Entre os aspectos da Universidade que devem mudar, Lucia aponta um excessivo grau de complexidade do setor administrativo. Ela assinala que mais de 40% dos recursos de custeio da UNESP são absorvidos pela Reitoria. "Isso é um indicador do peso da burocracia em relação ao conjunto da Universidade", afirma. A mesma crítica é feita por José Eduardo Oliveira, aluno de Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, de Araraquara, e representante discente no Conselho Universitário (CO). "O setor administrativo deve ser enxugado, sem que para isso haja demissão de funcionários", propõe.

Na opinião do estudante, a democracia deve ser um objetivo básico do funcionamento da UNESP: "Essa meta ainda não foi atingida, entre outras razões porque o próprio processo de eleição para reitor não se deu de forma paritária", recorda Oliveira, que também não concorda com a forma como teria sido feita a encampação do câmpus de Bauru: "Não somos contra encampações, mas nesse caso o processo atendeu principalmente os interesses do governo do Estado e de grupos políticos do interior", declara. Para ele, é preciso definir um projeto de cunho popular para a Universidade: "Devemos criar, nas diversas áreas de pesqui-



Lucia Lodi, da Adunesp: burocracia

sa, planos adequados a um projeto de país com desenvolvimento econômico e distribuição de renda", argumenta Oliveira, ressaltando que essa vem sendo uma proposta do movimento estudantil nos últimos anos.

A maior democratização da Universidade também se encontra entre as sugestões do presidente do Sindicato dos Trabalhadores da UNESP (Sintunesp), Flavio Haddad. Houve avanços nesse setor, Haddad concorda, mas ressalva que em muitos câmpus ainda faltaria diálogo: "A grande maioria dos diretores não tem como prática permanente a discussão dos problemas da Universidade da maneira mais ampla e transparente possível", queixa-se o dirigente, para quem os órgãos colegiados possuem um

Lilo Claret

sas, que nós não teríamos condições de coletar", revela Presti, recordando que esses dados orientam os produtores em atividades como a colheita e o uso de inseticidas.

A colaboração com a agroindústria paulista já rendeu bons frutos. Através de um convênio com a empresa Cica, cuja sede se localiza em Jundiá, a Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA), de Botucatu, produziu três espécies de tomates resistentes a bactérias. "Os trabalhos continuam e agora estamos testando tomates que possam crescer mais e que tenham resistência a outras doenças e nematóides", comemora o coordenador do projeto, professor Chukichi Kurozawa, vice-diretor da FCA.

Resultados significativos também são colhidos em vários ramos da indústria. No caso da Pfaudler, empresa multinacional sediada em Taubaté que produz equipamentos industriais, foram adaptados modelos de bombas centrífugas às condições brasileiras, com o apoio da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá (FE). "Estamos entusiasmados com o produto", celebra Emilio Giannella Neto, diretor de Tecnologia e de Controle de Qualidade da Pfaudler. "A ligação com a indústria permite a aplicação das pesquisas básicas feitas na Universidade para a solução de problemas tecnológicos", explica o professor Paulo Magalhães Filho, chefe do Departamento de Energia da FE. Os empresários podem contar ainda com os serviços oferecidos pelos Departamentos de Geografia e Engenharia Cartográfica da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, que fornecem assessoria técnica na atualização de mapas.



Produção animal na Fazenda de Ensina, Pesquisa e Extensão da FEIS

Lilo Clarello

gas às condições brasileiras, com o apoio da Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá (FE). "Estamos entusiasmados com o produto", celebra Emilio Giannella Neto, diretor de Tecnologia e de Controle de Qualidade da Pfaudler. "A ligação com a indústria permite a aplicação das pesquisas básicas feitas na Universidade para a solução de problemas tecnológicos", explica o professor Paulo Magalhães Filho, chefe do Departamento de Energia da FE. Os empresários podem contar ainda com os serviços oferecidos pelos Departamentos de Geografia e Engenharia Cartográfica da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente, que fornecem assessoria técnica na atualização de mapas.

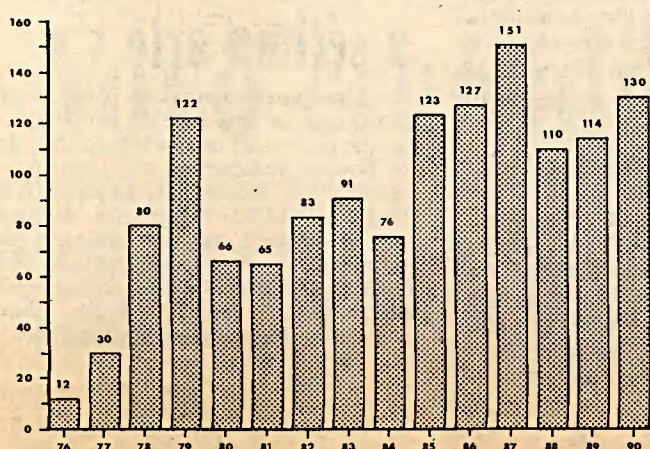
JUNTO ÀS PREFEITURAS

Preocupados com o bem-estar de suas cidades, prefeitos de todo o Estado estão se acostumando a ver a UNESP como uma valiosa auxiliar de sua administração. O Centro de Análise e Planejamento Ambiental (Ceapla), de Rio Claro, representa uma das várias formas em que essa colaboração se manifesta, oferecendo orientação a Prefeituras para a recuperação de áreas degradadas pela ação humana. Outro trabalho importante é feito por equipes multidisciplinares da UNESP que preparam planos diretores para as administrações municipais. Entre as localidades beneficiadas está Presidente Venceslau, na região oeste de São Paulo, cujas condições foram exaustivamente levantadas por professores e estagiários da UNESP. "Foram pesquisados desde os setores escolar e de saúde, até as condições do solo da região", relata o prefeito do município, Tuí Nicolau. Ele elogia o plano diretor, que traça as diretrizes para a sua e as próximas gestões da cidade. "Nós não teríamos condições de fazer um trabalho desse porte", garante.

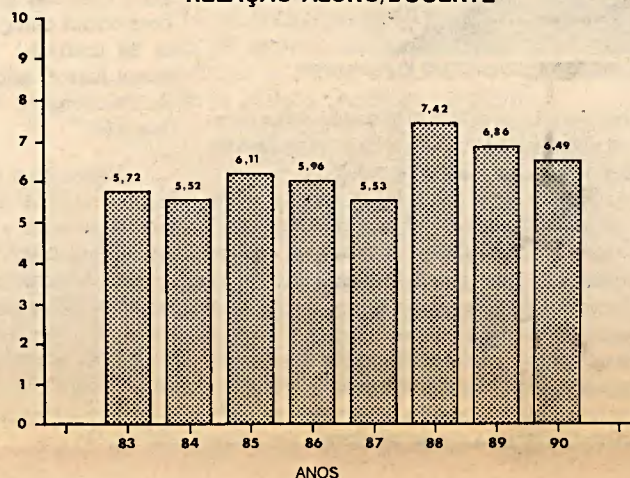
O raio da ação universitária ganhou recentemente uma nova dimensão, com a entrada no ar da UNESP FM Estéreo, emissora localizada no câmpus de Bauru que transmite uma programação variada, mas que se preocupa em destacar a cultura e os acontecimentos regionais. E, simultaneamente à sua participação no mundo interiorano, os docentes da Universidade procuram refletir sobre a sua dinâmica social e econômica. Um grupo de professores da pós-graduação da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, confirma essa tendência, ao montar um conjunto de estudos de Sociologia Rural e Urbana sobre a região central do Estado. "Essa área representa uma síntese dos processos contraditórios que marcam a sociedade brasileira hoje", argumenta Elisabete Dória Bilac, uma das coordenadoras desse trabalho multidisciplinar, ao lado da professora Vera Botta Ferrante.

Se se quisesse continuar, a lista de pontos de contato da UNESP com o complexo circuito do interior paulista poderia ir em frente. Mas os casos apresentados são suficientes para delinear uma atuação multifacetada, que dá à Universidade contornos cada vez mais definidos como instituição superior de ensino de primeira linha. Ao avaliar esse perfil que se solidifica, o vice-reitor e pró-reitor de Administração e Desenvolvimento, professor Arthur Roquete de Macedo, não tem dúvidas: "Por seu crescimento e sua característica de descentralização e inserção em todo o Estado, o que lhe abre a oportunidade de desenvolver uma ação social ímpar no cenário universitário brasileiro, a UNESP será a Universidade dos anos 90".

CONVÊNIOS CELEBRADOS COM A UNESP



RELAÇÃO ALUNO/DOCENTE



Gráficos GJA/UNESP

cia. Sugestões da comunidade unespiana



Borsari e Oliveira, representantes discentes no CO: baixa participação

poder de decisão restrito: "Eles se tornaram instâncias de homologação de decisões tomadas por poucos", diz. Lucia Lodi concorda com o presidente do Sintunesp: "O CO, por exemplo, não exerce as funções que o Estatuto lhe compete", analisa. Ela acusa o órgão de não tomar posição sobre questões como a Lei Orgânica do Ensino Superior, que em breve será discutida pela Assembleia Legislativa.

RECURSOS HUMANOS

Haddad enfatiza que os funcionários, acima de interesses corporativos, se empenham para o bom andamento do ensino e da pesquisa na UNESP. Em contrapartida, ele acha neces-

sária a formulação pela Reitoria, de uma política de recursos humanos e pede um amplo programa de treinamento do corpo técnico-administrativo. O dirigente qualifica como "extremamente tímidas" as iniciativas tomadas até agora pela Coordenadoria de Recursos Humanos. "Também não temos uma política salarial definida e nosso sistema de benefícios é alterado ao sabor das disponibilidades orçamentárias", detalha. Para o presidente do Sintunesp, é fundamental a rediscussão, pela Universidade, do Estatuto dos Servidores (Esunesp), elaborado em dois congressos organizados pelo Sindicato. "O Esunesp está hoje vinculado ao Regime Jurídico Único, em estudo na Assembleia Legislativa", esclarece.

Segundo Lucia Lodi, falta um programa de qualificação docente na Universidade. "Hoje, a qualificação normalmente é feita em esquema de afastamento parcial do professor, que precisa manter seus encargos de ensino, pesquisa e extensão", revela. A presidenta da Adunesp vê com bons olhos o incentivo que vem sendo dado à pesquisa coletiva, o que permitiria mais avanços teóricos e o melhor uso de recursos. "Só não concordo com a ênfase exagerada que alguns dirigentes de unidade dão ao trabalho coletivo", acentua. "A pesquisa individual também deve ter seu espaço." Embora diga que ainda não pode fazer uma avaliação geral sobre os Conselhos de Curso de Graduação, Lucia assinala que eles têm produzido mudanças curriculares positivas e maior integração entre as disciplinas.

Os Conselhos de Curso também são destacados por Franco Borsari, aluno de Engenharia Agrônoma da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, de Jaboticabal. Representante discente no CO, ele se diz de acordo com o processo de avaliação dos cursos em andamento na UNESP: "Infelizmente, há uma baixa participação dos alunos nesse processo e apenas as lideranças são ouvidas", lamenta Borsari, acrescentando que boa parte da responsabilidade por esse problema cabe aos próprios estudantes, que não estariam ocupando os espaços hoje existentes na estrutura universitária: "Com o novo Estatuto, houve um pequeno avanço em termos de representatividade e democratização da Universidade", justifica. Para ele, a participação estudantil poderia acelerar a resolução de questões como a melhoria da infra-estrutura dos câmpus — "com mais moradias estudantis e restaurantes, por exemplo" — e maior investimento em bibliotecas.

Marlene Bérnago

Programa beneficia alunos carentes

Cinco alojamentos viabilizam a vida acadêmica de 300 estudantes

Durante 1990, a UNESP concluiu a construção de moradias estudantis em cinco dos seus quinze câmpus, dando início ao atendimento de uma reivindicação antiga dos alunos de toda a Universidade. O primeiro alojamento inaugurado foi o de Araraquara, no dia 13 de março. A este, seguiram-se os de Presidente Prudente (julho), Assis (agosto) e Franca e Marília (outubro), viabilizando a vida acadêmica de 300 alunos carentes, impossibilitados de arcarem

com o aluguel de um imóvel na cidade onde estudam. As obras fazem parte do Programa de Apoio ao Estudante (PAE), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários.

Construídos em terrenos doados pelas Prefeituras, os alojamentos podem ser do tipo horizontal, com 820 metros quadrados de área e capacidade para 64 alunos — como nos casos de Araraquara, Marília e Presidente Prudente —, ou vertical, com 932 metros quadrados e 54 lugares — como em Assis e Franca. As moradias possuem quar-



Moradia de Araraquara: capacidade para 64 alunos

tos com camas, armário e bancada para estudos em alvenaria, sala, cozinha equipada com fogão e geladeira e área de serviço.

A seleção dos candidatos é feita com base na situação econômica e no desempenho escolar. "Só podem ocupar as vagas da moradia aqueles que têm condições de integralizar o curso no tempo limite de um ano após sua duração normal", lembra Maria Horimoto, diretora técnica acadêmica da Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente e membro da comissão que administra a moradia nesse câmpus. Segundo

Francisco Rocatelli

Maria, contudo, a moradia não é suficiente para atender todos aqueles que estão aptos a ocupá-la.

Em Araraquara a situação não é diferente. De acordo com a vice-diretora da Faculdade de Ciências e Letras, Sônia Veasey Rodrigues, presidenta da comissão que administra a moradia na cidade, além das 64 vagas do alojamento, o câmpus ainda financia o aluguel de uma casa para dezesseis alunos. "Para este ano, não sei se vamos conseguir manter essa locação", preocupa-se.

No alojamento de Marília, entretanto, o número de vagas é bastante razoável, na opinião de Isael José Santana, aluno do quarto ano de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências que, durante três anos, junto com trinta colegas, ocupou duas salas de aula da unidade. "A moradia é resultado de nossa luta e, apesar de ser um pouco afastada do câmpus, é considerada ótima por todos nós."

Segundo a professora Edy Montenegro, coordenadora do PAE, está em fase final de construção a moradia de Guaratinguetá, que beneficiará 54 estudantes, e em fase inicial as de Araçatuba e São José do Rio Preto, com 64 vagas cada uma. "Até o ano passado, as construções foram bem. Em 1991 tudo vai depender do novo governo", afirma. "Com o índice que temos do ICMS, está difícil tocar a parte de assistência ao estudante."



Arquivo

Wenders, de Paris, Texas, no Boitatá

Para conhecer melhor a sétima arte

Uma nova alternativa cultural para os moradores de São José do Rio Preto. É isso que prometem os fundadores do Cineclub de Boitatá, inaugurado há quatro meses no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE). "Queremos 'saborear' os grandes filmes e conhecer melhor a história do cinema", diz o presidente do Boitatá, Vanildo Luiz Del Bianchi, professor do Departamento de Engenharia de Alimentos, um antigo frequentador de cineclubes.

O grupo de onze professores, funcionários e alunos do IBILCE, além de um estudante da Faculdade Regional de Medicina de São José do Rio Preto, encontrou uma infra-estrutura já disponível para pôr o cineclub em funcionamento. As sessões acontecem no auditório da unidade, com capacidade para 200 pessoas, ou em uma sala de projeções com 30 lugares. O Instituto também já possuía dois projetores de 16 milímetros. Para divulgar as reuniões e a programação, a equipe produz dois informativos: o "Folhetim Boitatá" e o "Boitatando", com resenhas dos filmes, um pouco da biografia do diretor e detalhes da escola cinematográfica a que pertence.

Para institucionalizar o cineclub, o grupo contou com a colaboração de João Bacellar, fundador e diretor de operações do Elétrico Cineclub de São Paulo e presidente da Federação Paulista de Cineclubes, que esteve em São José do Rio Preto para prestar sua assessoria. "Os cineclubes não têm interesse comercial, mas apenas de criação e divulgação cultural", diz Bacellar. Para ele, o Boitatá deverá enfrentar dificuldades devido à falta de uma política cultural para o setor. "O mercado de filmes em 16 milímetros está dilapidado e esquecido no Brasil", ele lamenta.

TELÃO NO CÂMPUS

Dificuldades à parte, o Boitatá tem programado para este ano ciclos de cinema francês, espanhol, expressionista alemão e uma retrospectiva do cineasta Win Wenders (de *Paris, Texas* e *Asas do Desejo*), seguidos de debates com convidados especiais. Está nos planos do cineclub ainda oferecer cursos sobre cinema e promover, mensalmente, o "Entardecer Cultural" — exibição de curta-metragens ao ar livre, em um telão instalado na praça do câmpus. "A estréia do Boitatá foi realizada numa dessas promoções", lembra a secretária do cineclub, Maria Cristina Menezes, professora do Departamento de Educação. "Projetamos um 'Festival Chaplin' para cerca de 200 pessoas".

O Cineclub Boitatá fica no câmpus de São José do Rio Preto, à rua Cristóvão Colombo, 2 265. Maiores informações podem ser obtidas com o professor Vanildo, pelo telefone (0172) 32-4966, ramal 60.

BOLSAS

Universidade amplia assistência a estudante

São mais de 1 300 bolsas de estudos, oferecidas em várias modalidades

Visando estimular as aptidões acadêmicas de seus alunos e prestar assistência àqueles de baixo poder aquisitivo, a UNESP oferece mais de 1 300 bolsas de estudos por ano, dentro do Programa de Apoio ao Estudante (PAE), vinculado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários. Embora o programa tenha sido instituído apenas em 1989, há quatorze anos a Universidade dedica especial atenção ao assunto, através da antiga CAE (Coordenadoria de Assistência ao Estudante).

As bolsas concedidas em maior número pela Universidade, atualmente, são as do tipo não-reembolsável, instituídas há seis anos. Em 1990, foram beneficiados 1 000 bolsistas dentro de duas modalidades: a bolsa de estudos — concedida aos alunos carentes que residem na cidade onde estudam — e a bolsa de estudos e moradia — para os que moram distante de onde está localizado o câmpus.

A pré-seleção dos 1 000 novos bolsistas de 1991 será feita nas unidades, pelas comissões de extensão universitária e assuntos comunitários, e a lista oficial dos contemplados será definida pela coordenação do PAE, sempre levando em consideração o bom desempenho escolar. O período de inscrições para as bolsas, que têm duração de dez meses, varia de acordo com o calendário estipulado pelas unidades.

Em dezembro, a bolsa de estudos valia Cr\$ 6 028,00 e a de estudos e moradia, Cr\$ 8 038,00. "Sabemos que o valor não é suficiente para manter o aluno integralmen-



Kátia Saisi

Edy, do PAE: apoio ao estudante

te, mas isso seria impossível para a Universidade", comenta a professora Edy Montenegro, coordenadora do PAE. "Realmente, a bolsa teria que ser maior. Faço muita economia e minha mãe ainda me ajuda", conta o aluno do quarto ano de Veterinária da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Botucatu, Rogério Tondim, bolsista desde que ingressou na UNESP.

É possível, no entanto, que as bolsas não-reembolsáveis sejam alteradas e se transformem, em 1992, em um tipo de "bolsa-trabalho". "Neste caso, o aluno desenvolveria alguma tarefa dentro do próprio câmpus e receberia um valor maior", explica a professora Edy. Para o pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários, Carlos Ruggiero, essa seria uma forma de o estudante oferecer uma contrapartida à Universidade. "Com a alteração, esses bolsistas se igualariam a todos os demais, que têm atividades a desenvolver."

DESEMPENHO

O PAE oferece, entre outros, dois tipos de bolsa que funcionam como prêmio para os alunos que apresentam melhor desempenho. "A bolsa de monitoria, por exemplo, é atribuída aos alunos acima da média para que se desenvolvam mais em uma determinada área", diz Edy. "Auxílio o professor na elaboração de trabalhos e esclareço as dúvidas dos alunos", confirma Luis Fernando de Oliveira, monitor de Estatística em 1990, quando cursava o quarto ano de Engenharia Elétrica na Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá. Em 1991, serão oferecidas cerca de 190 bolsas, no valor equivalente a Cr\$ 6 028,00 (dezembro), por um período de dez meses. As unidades divulgam, anualmente, editais informando as vagas disponíveis e a seleção é feita pelos departamentos onde o aluno irá atuar.

Nessa mesma linha, os alunos da UNESP podem concorrer a bolsas de estágio, patrocinadas pela Fundap, nos níveis superior e técnico. "As bolsas de estágio proporcionam ao aluno o treinamento em atividades que o adaptam à futura profissão", explica Edy. A bolsa, que tem duração de seis meses e pode ser renovada por igual período, valia, em dezembro, Cr\$ 14 638,00 para o nível superior e Cr\$ 8 782,00, para o técnico. Em 1990, foram beneficiados 145 alunos mas, neste ano, o número será elevado para 194. Para se inscrever, o candidato deverá ficar atento à divulgação de vaga, que é aberta assim que um aluno conclui seu estágio. A seleção é feita pelos departamentos.

PALEONTOLOGIA

DOAÇÃO



Fotos Hélio Toth

Bertini (no detalhe) e o antepassado do crocodilo: crânio de 60 centímetros

Vovô crocodilo

Pesquisas descobrem fósseis de 80 milhões de anos

Docentes de dois câmpus da UNESP resolveram unir esforços para rastrear o passado remoto dos crocodilianos — répteis cujos representantes atuais são os crocodilos e jacarés. Os professores Max Brandt Neto e Flávio Fernando Manzini, do Departamento de Geociências do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), de São José do Rio Preto, e Reinaldo Bertini, do Departamento de Geologia Sedimentar do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), de Rio Claro, estão estudando conjuntamente fragmentos fósseis desses animais. As peças, que incluem crânios, dentes, vértebras e uma pata, foram encontradas, entre março e outubro de 1989, no município de General Salgado, na região de Rio Preto.

A análise inicial dos fósseis mostrou que eles pertencem ao gênero *Baurusuchus*. O primeiro exemplar desse gênero foi descoberto no município de Paulo de Faria — também nas vizinhanças de Rio Preto — e descrito pelo pesquisador norte-americano Llewellyn Ivor Price, em 1945. “É provável que o material com que trabalhamos pertença a uma espécie diferente da estudada por Price”, sugere Brandt Neto. Para o professor Bertini, se confirmada a hipótese da equipe, chegaria a oito o número de espécies de crocodilianos fósseis encontrados no Grupo Bauru. “Isso comprovaria a tese de que essa região tem a fauna de crocodilianos mais rica da América do Sul”, atesta. Abrangendo boa parte dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Paraná, o Grupo Bauru é uma formação geológica com rochas do período cretácico, que durou de cerca de 240 a 65 milhões de anos.

BIBLIOGRAFIA

O material recolhido tem idade calculada entre 70 e 80 milhões de anos e uma das peças mais importantes é um crânio incompleto, que mede 39 centímetros. “Segundo nossos cálculos, o crânio inteiro chegaria a 60 centímetros”, estima Brandt Neto. “O exemplar de crânio encontrado por Price tinha, ao todo, somente 39 centímetros.” A partir desse fragmento, Bertini estima que o animal deveria medir entre 4 e 5 metros.

Em busca de subsídios para seu trabalho, o grupo atualmente faz um levantamento bibliográfico sobre crocodilianos, ao mesmo tempo que entra em contato com especialistas de outros países. Bertini, inclusive, já escreveu a uma colega paleontóloga da Argentina. “É também importante noticiar a desco-

berta para a comunidade científica internacional”, raciocina. Os professores pretendem ir, em breve, até o museu do Departamento Nacional de Produção Mineral, no Rio de Janeiro, onde se encontra o exemplar descrito por Llewellyn Price. “Vamos comparar os dois crânios e verificar se eles pertencem ou não à mesma espécie”, adianta Brandt Neto.

DOCUMENTAÇÃO

Relações de remessa, pautas e atas de reuniões, pareceres, cartazes, ofícios, planejamentos de aulas, provas de alunos... Tudo isso deve ser guardado ou jogado fora? Se for preservado, qual deve ser o prazo? Essas e outras perguntas estão sendo respondidas por uma equipe de profissionais ligados ao Centro de Documentação e Memória (CEDEM), que há dois anos está desenvolvendo um projeto de sistematização dos arquivos da Universidade.

Criado em 1987 como um grupo de trabalho ligado à Reitoria, onde está sediado, o CEDEM já tem três projetos em andamento: o primeiro, voltado para a história do Estado de São Paulo; o segundo, para a história municipal (nas cidades onde a UNESP está instalada); e o último, sobre a memória da própria universidade, ao qual o grupo tem se dedicado mais ativamente nos últimos meses. “O Centro, que trabalha com a coleta de informações documentativas, está organizando os arquivos da UNESP de acordo com as normas mais atualizadas da Arquivologia”, garante a professora Anna Maria Martinez Correa, um dos membros do conselho que coordena o CEDEM, integrado ainda pelos professores John Monteiro e Teresa Maria Malatian.

“O objetivo do trabalho, numa primeira etapa, foi verificar qual a documentação produzida, reproduzida e recebida por cada setor da Universidade e

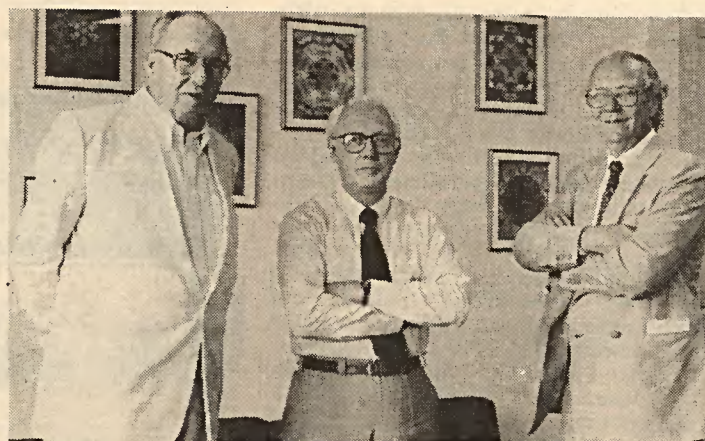
Presente ecológico

UNESP ganha terreno recoberto por Mata Atlântica

O ensino e a pesquisa da UNESP acabam de ganhar um novo espaço. No último dia 24 de janeiro, a Universidade recebeu a doação de um terreno de 45 hectares (450 mil m²) no município de Miracatu, no Vale do Ribeira. Cerca de 80% da área estão cobertos por Mata Atlântica, um tipo de floresta cada vez mais escasso no país.

“Nesse local, poderão ser realizadas pesquisas, assim como excursões didáticas”, enfatiza o reitor da UNESP, professor Paulo Milton Barbosa Landim.

O professor Landim elogia a atitude do doador do terreno, o advogado José Luiz Archer de Camargo, de São Paulo: “Se todas as pessoas agissem como o senhor Camargo, a universidade brasileira estaria numa situação bem melhor”, acentua. Para Camargo, a doação garante uma proteção definitiva da área: “Além disso, no local poderão ser desenvolvidas muitas atividades de interesse para a comunidade”, destaca. O advogado acha importante que se divulgue a doação, para que outros pro-



Kátia Saisi

Camargo, Landim e Odália: excursões didáticas

prietários tomem a mesma iniciativa: “Em Miracatu, há vários outros terrenos que, como o meu, não possuem condições de exploração econômica, por ficarem numa região muito montanhosa”, explica.

Nilo Odália, docente aposentado da UNESP, que atuou como intermediário na doação, assinala que a área precisa se tornar um centro de ensino e pesquisa: “Assim, os trabalhos no local serão conhecidos no circuito científico e poderão receber apoio de entidades financiadoras do Brasil e exterior”. A doação foi precedida de um levantamento do terreno, feito por docentes do Instituto de Biociências de Rio Claro.

Onde colocar toda essa papelada?



Paulo Velloso

Anna Maria e John Monteiro, do CEDEM

também por quanto tempo esses papéis precisavam permanecer ali”, diz Anna Maria. O projeto, que contou com a assessoria técnica da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (Fundap), baseou-se em entrevistas com funcionários de cada setor, que prestaram informações sobre a produção e encaminhamento da documentação que utilizavam. “A partir daí, avaliamos o que merecia ser preservado para a formação da memória da Universidade”, explica Maria Marta Mesquita de Faria, historiadora do CEDEM que, juntamente com Jacy Machado Barletta, participou ativamente da análise da documentação.

As características de cada documento, o prazo de arquivamento no setor que o utiliza e o destino após esse período foram descritos em fichas, denominadas “tabelas de temporalidade”. “Basicamente, o que pode ser descartado de imediato são cópias de documentos”, diz Maria Marta. “Mas um projeto de pesquisa não implementado ou um plano de aula, por exemplo, devem ser de guarda permanente, já que contam a história da Universidade”, completa Anna Maria.

Atualmente, estão sendo informatizadas as “tabelas de temporalidade” das unidades pertencentes aos câmpus de Araraquara, Bauru, Botucatu, Ilha Solteira, Presidente Prudente e São José dos Campos. As demais, que já passaram por esta fase e também pela aprovação da Assessoria Jurídica — que confirmou prazos legais da guarda de alguns documentos —, estão apenas dependendo da publicação de portaria do reitor para serem colocadas em prática.

Nessa segunda etapa de trabalho, cada unidade universitária deverá organizar um arquivo permanente, sob a orientação do CEDEM. “Com isso, pretendemos racionalizar o espaço, descartando documentos desnecessários, e garantir a guarda de outros, que criarão a memória da UNESP, servindo de subsídio, inclusive, para pesquisadores”, justifica a professora Anna Maria.



Aqui, tudo sobre histologia de peixes

O tema será debatido entre 4 e 8 de março, em Jaboticabal

Contribuindo de forma exemplar para o conhecimento da biologia das diversas espécies de peixes e para o desenvolvimento da piscicultura nacional, a histologia de peixes será o alvo das atenções na I Semana sobre Histologia de Peixes que a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do campus de Jaboticabal promoverá entre os próximos dias 4 e 8 de março.

Após a abertura do evento, às 9 horas do dia 4, pelo diretor da FCAV, professor Joji Ariki, será proferida a palestra "Histologia de peixes da Antártida", pela doutora Mikiko Tokumaro Phan, do Instituto de Ciências Biomédicas da USP. Às 14 horas, Francisco Javier Hernandez Blasquez, também do ICB, falará sobre "Histofisiologia do tubo digestivo de teleosteos". No dia 5, às 9 horas, Simone Maria Teixeira de Sabóia, do ICB, discorrerá sobre "Histologia de brânquias" e, às 14 horas, Eduardo Cunha Farias, do ICB, sobre "Anatomia microscópica e pigmentação da pele de teleosteos".

Às 9 horas do dia 6, Edith Fanta, da Universidade Federal do Paraná, abordará o tema "Impacto ambiental e alterações teciduais". A partir das 14 horas, Massuka Nahara, do Instituto da Pesca de São Paulo, ocupará-se da "Histofisiologia do ovário de eleosteos". Dia 7, às 9 horas: "Testículos: estruturas e dinâmica de maturação" e "Hemafroditismo: configuração e ocorrência", por Paulo de Tarso Chaves, da UFP. Às 14 horas: "Histofisiologia da hipófise de teleosteos, por Maura Val Sella, do Instituto de Biociências da USP.

Finalmente, no dia 8, sexta-feira, Wilcer Ramos Ribeiro, da Universidade Federal de Goiás, e Maria José Tavares Ranzani Paiva, do Instituto da Pesca de São Paulo, falarão sobre "Hematologia de Peixes". A partir das 14 horas, na última palestra da semana, Vitalino Dal Pai, Teresa Cristina França Sartori e Marli Dal Pai, todos do Instituto de Biociências da UNESP, campus de Botucatu, abordarão "Morfologia e histoquímica do tecido muscular de peixes".

Com promoção do Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal da FCAV, Sociedade Brasileira de Ictiologia e Centro de Aquicultura da UNESP e apoio do CNPq e Fapesp, a I Semana sobre Histologia de Peixes está aceitando inscrições desde o último dia 10 de fevereiro.

Maiores informações poderão ser obtidas pelos telefones (0163) 22-2510 e 22-2978 ou 22-4000, ramais 141 e 149.



Na FCAV, em março: um curso e uma semana de estudos

EVENTO II

Como tratar inflamações em animais

Curso discute alternativas terapêuticas

Com o objetivo de revisar os mecanismos de agentes anti-inflamatórios hormonais e não hormonais e discutir alternativas terapêuticas anti-inflamatórias em veterinária, a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) do campus de Jaboticabal promoverá, no próximo dia 23 de março, o curso Atualização em Terapia Anti-Inflamatória em Medicina Veterinária.

Pela manhã, a partir das 8 horas, será abordado o tema "Aspectos gerais sobre o processo inflamatório", com ênfase na mediação química, e projetado o filme "O Processo Inflamatório". A

partir das 14 horas, serão debatidos os temas "Terapia anti-inflamatória não hormonal" e "Terapia anti-inflamatória hormonal".

Coordenado pelo professor Gervásio Henrique Bechara, do Departamento de Patologia Veterinária da FCAV, e organizado pela Funep — Fundação de Estudos e Pesquisas em Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia —, o curso é destinado a alunos de Medicina Veterinária, a médicos veterinários residentes, a autônomos e pós-graduandos. O número de vagas é limitado a 80 e a taxa de inscrição, fixada em 20 BTN's.

POSSE

Bauru elege primeiro vice após encampação

A Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET) do campus de Bauru teve empossado seu primeiro vice-diretor, após a encampação da antiga Universidade de Bauru pela UNESP, em agosto de 1988.



Foto: Hélio Toth

O escolhido foi o professor Paulo Cezar Razuk, da área de Engenharia Mecânica, que assumirá seu mandato em caráter *pro-tempore*. Dos três candidatos inscritos, Razuk foi o mais votado no plebiscito realizado entre os professores da unidade. A posse foi dada pelo pró-reitor de Graduação no exercício da Reitoria, professor Antonio Cesar Perri de Carvalho, em solenidade realizada na Reitoria, no dia 4 de dezembro último.

A indicação do vice-diretor — até então inédita entre as faculdades do campus de Bauru — tem como objetivo principal acelerar a institucionalização da FET. "Em um ano e meio, no máximo, prevemos que a Faculdade esteja totalmente institucionalizada, com seus departamentos deixando de ser provisórios", garante o vice-diretor, que desde 1973 é docente da antiga Fundação Educacional de Bauru. Razuk deve se valer de todos esses anos de convivência no campus para atuar diretamente junto aos professores que estão em busca de sua qualificação. "Só a partir daí, a FET estará completamente integrada à UNESP", avalia.

MÚSICA

Professora preside entidade nacional

Professora de piano do Instituto de Artes (IA) da UNESP, Maria Francisca Paez Junqueira foi eleita, no último dia 18 de dezembro, presidenta da Associação Brasileira de Escolas de Música (ABEMUS). A entidade, com sede no Rio de Janeiro, foi criada em 1987 e congrega escolas de nível técnico e superior de todo o país.

De acordo com Maria Francisca, que dirigiu a delegacia da Associação para o Estado de São Paulo entre 1989 e 1990, a entidade tem como objetivos primordiais aprimorar, integrar e adequar o ensino da música à realidade nacional, pensando seus principais problemas e propondo soluções. Ela considera que uma das mais importantes atividades da ABEMUS é a criação de mecanismos que subsidiem processos contínuos de avaliação das escolas de música. "Este trabalho possibilita uma análise permanente da dinâmica do ensino musical na Universidade", reflete a professora, que concorreu com uma chapa do Rio de Janeiro e foi eleita por unanimidade pelos associados.

TESES, DISSERTAÇÕES E CONCURSOS

DOCENTES

- **Flávio Luís Moreira** (FM-Botucatu): "Avaliação evolutiva do estado nutricional de crianças com desnutrição protéica-calórica grave e diarreia aguda prolongada". **Banca:** Helga Verena Leoni Maffei, Roberto Carlos Burni, Hélio Vannucchi, Uenis Tanuri e Francisco Carraza. **Doutorado,** dia 11.01.91, na FM.
- **Flávio Ferrari Aragon** (IB-Botucatu): "Um modelo matemático para avaliação da incidência de radiação solar em superfície topográfica". **Banca:** Jayme de Toledo Piza e Almeida Neto, Rodney Carlos Bassanezi, Gertrudes Celene Rocha Piedade, Márcio Benincasa e Rutênio José Latanze. **Doutorado,** dia 1º.02.91, no IB.

ALUNOS

- **Ari Pinheiro Camarão** (FCAV-Jaboticabal): "Avaliação de pastagem de *Brachiaria humidicola* (Rendle) Schweickardt, com búfalos fistulados no esôfago". **Banca:** Luis Roberto de Andrade Rodrigues, Vanildo Favoretto, Wilson Roberto Soares de Mattos, Antônio Ricardo Evangelista e Luiz Alberto Rocha Batista. **Doutorado,** dia 04.01.91, na FCAV.
- **Ludvig Hafner** (FM-Botucatu): "Estudo do efeito de hemodiluição e da heparina no enxerto venoso por técnica microcirúrgica". **Banca:** Natanael Ribeiro de Mello, Hamilton de Almeida Rollo e Francisco Humberto de Abreu Maffei. **Mestrado,** dia 11.01.91, na FM.
- **Emanuel Gomes de Moura** (FCA-Botucatu): "Avaliação das qualidades físicas dos solos de duas transecções na Baixada Ocidental Maranhense". **Banca:** Afonso Maria de Carvalho, Sidney Rosa Vieira e Flávio Bussmeyer Arruda. **Mestrado,** dia 18.01.91, na FCA.

- **Osvaldo Galdino da Silva** (FCA-Botucatu): "Efeitos de épocas de suspensão da irrigação e de três níveis de nitrogênio na cultura do alho (*Allium Sativum* L.)". **Banca:** Edmir Soares, Leonardo Theodoro Bull e Flávio Bussmeyer Arruda. **Mestrado,** dia 18.01.91, na FCA.

- **Isabel Oias Carvalho** (FCAV-Jaboticabal): "Evolução das características produtivas e reprodutivas de bovinos da raça holandesa em rebanhos dos Estados de São Paulo e Paraná". **Banca:** Alcides de Amorim Ramos, Rinaldo Polastre e Miriam Luz Giannoni. **Mestrado,** dia 21.01.91, na FCAV.

- **Maria Eliza Miyoko Tomotake** (IB-Rio Claro): "Morfologia comparada do trato digestivo de formigas em quatro tribos da subfamília Ponerinae (Hymenoptera: Formicidae)". **Banca:** Flávio Henrique Caetano, Carlos Roberto Ferreira Brandão e Harold Gordon Fowler. **Mestrado,** dia 22.01.91, no IB.

- **Ana Francisca Vampré Lefèvre** (FCA-Botucatu): "Determinação da temperatura letal para *Rhizoctonia solani* Kühn e *Esclerotium rolfsii* Sacc. e efeitos da solarização do solo". **Banca:** Nilton Luiz de Souza, Wagner Bettiol e Modesto Barreto. **Mestrado,** dia 30.01.91, na FCA.

- **Regina Célia Retamero** (IQ-Araraquara): "Extração de íons lantanídeos (III) de solução aquosa pelo sal de sódio da N(4-aminobenzoato) Propil sílica gel". **Banca:** José Celso Moreira, José Zuanon Netto e Yoshitaka Gushikem. **Mestrado,** dia 31.01.91, no IQ.

- **Vilma Reis Terra** (IQ-Araraquara): "Estudo analítico de α-hidroxicarboxilatos de zircônio e de háfnio". **Banca:** Júlio César Rocha, Roberto Santos Barbiéri e Antônio Marques Neto. **Mestrado,** dia 1º.02.91, no IQ.

- **José Ribamar Felipe Marques** (IB-Botucatu): "Avaliação genético-quantitativa de algumas características do desempenho produtivo de grupos genéticos de búfalos (*Bubalus bubalis* L.)". **Banca:** Alcides de Amorim Ramos, Gilberto Pedrosa da Rocha, Maurício de Alencar, Marcus Cordeiro Ourões e João Barrison Villares. **Doutorado,** dia 1º.02.91, no IB.

- **Luis Roberto Paschoal** (IQ-Araraquara): "Síntese, caracterização e reatividade de compostos de Ru(edta) com derivados pirazólicos". **Banca:** Luiz Antônio Andrade de Oliveira, Cristóvão Bládimiro Melios e Neyde Yukie Murakami Iha. **Mestrado,** dia 04.02.91, no IQ.

- **José Guilherme Minossi** (FM-Botucatu): "Peritonite fecal no rato. Alterações da parede do cólon distal". **Banca:** Shoji Kobayashi, Rene Gamberini Prado e José Ivan de Andrade. **Mestrado,** dia 05.02.91, na FM.

- **Elizabeth Orika Ono** (IB-Botucatu): "Interações entre auxinas e ácido bórico no enraizamento de estacas caulinares de *Coffea arabica* L. cv 'Mundo Novo'". **Banca:** João Domingos Rodrigues, José Antônio Proença Vieira de Moraes e Ede Cereida. **Mestrado,** dia 08.02.91, no IB.

- **Maria Marcina Picelli Vicentim** (IB-Rio Claro): "Caracterização do Estado de São Paulo: Inventário Sistemático". **Banca:** Carlos Eduardo de Mattos Bicudo, Yumiko Ugadim, Célia Leite Sant'Anna, Laine Sormus Pinto e Reinaldo Monteiro. **Doutorado,** dia 15.02.91, no IB.

- **Cleinaldo Pereira de Carvalho** (FE-Guaratinguetá): "Análise de fadiga em rodas para caminhões e ônibus". **Banca:** Herman Jacobus Cornelis Voorwald, Gabriel Félix Gueler e Ligia Teruko Miyada. **Mestrado,** dia 15.02.91, na FE.

A UNESP aos quinze anos: *début* e crise

O momento cobra mobilização intensa e rápida da comunidade unespiana para o debate e a busca de alternativas

José Ênio Casalecchi

"... Vivemos de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes". (Guimarães Rosa)

"Os intelectuais estão sobre a terra para, em primeiro lugar, pensar; depois, se for esse o caso, protestar". (Octávio Paz)

Sem que se ponha em dúvida a importância da autonomia de gestão financeira das universidades públicas paulistas, é necessário considerar que a definição do índice do ICMS reservado à UNESP descartou a projeção de seu crescimento. A nossa Universidade posicionou-se fundamentalmente ao lado da expansão do ensino superior público e gratuito e, por consequência, cresceu. O baixo percentual (1,94% do ICMS) e a crise econômica atingiram duramente a UNESP. A crise está aí. Com ela, impõem-se para as universidades paulistas, mais fortemente para a UNESP, três frentes de luta que pedem o amplo engajamento da comunidade universitária: a busca de mecanismos de pressão que alterem o índice referido; a definição de medidas que impeçam a quebra da isonomia entre as nossas três universidades estaduais e provoquem a falência do Cruesp, e, finalmente, profunda reformulação interna.

Nesse último ponto, a consciência cada vez mais forte de que a Universidade precisa mudar favorece a busca de alternativas urgentes para superar a crise. Quando se propõem reformulações e mudanças, é sempre conveniente considerar as resistências. Uma delas é a distração, alheamento mesmo, na crise ou fora dela, de parte da comunidade universitária no que se refere às questões essenciais da Universidade. Outra é o resultado das acomodações micro-corporativas que, alojando-se nas instituições públicas, provocam, no médio e longo prazos, resultados deletérios. Tais resultados deslocam as finalidades essenciais da Universidade e corroem recursos financeiros. Sem tocar fundo nesse caráter perdulário, poucos efeitos produtivos terão os aumentos de nossa receita.

O quadro é de crise e exige mudanças. As propostas nesse sentido precisam ser inteligentes e decisivas. Inteligentes para definir vetores que proíbam o sucateamento das funções essenciais da Universidade — o ensino e a pesquisa. A universidade é ensino e pesquisa ou não é nada. Decisivas para que os interesses corporativos não acabem por barrar transformações radicais. A crise não oferece tantas alternativas: ou se é "candeia da rua" ou fica-se com a "escuridão da casa". A crise impõe também, em qualquer instituição, o uso do pensamento crítico e autocrítico. Ser crítico e autocrítico na UNESP é decidir-se por



Marcos Marques

uma profunda reestruturação acadêmica e administrativa. É também chamar a atenção para aspectos que favoreçam

esta reestruturação. Um deles é a juventude da UNESP. Ainda ontem debutamos. Aos 15 anos, todas as crises parecem definitivas, mas também aos 15 anos, quantos desejos de transformação! Um outro seria a nossa predisposição de não delegar a alguns poucos as tarefas que pedem a contribuição do conjunto da comunidade. Há ainda o fato de o nosso recentíssimo Estatuto ser ousadamente inovador para a obtenção dos melhores resultados no ensino e na pesquisa.

Ser crítico e autocrítico em relação à UNESP é também aceitar o fato de que a crise que está aí cobra ação imediata e soluções que preservem e qualifiquem o fundamental e, só depois, se pro-

ponham bases sólidas para expansão no médio e longo prazos.

Ser crítico e autocrítico em relação à UNESP é mobilizar intensa e rapidamente a sua comunidade para o debate e a busca de alternativas diante da crise. Daí a oportunidade das medidas aprovadas pelo último Conselho Universitário.

Ser crítico e autocrítico em relação à UNESP é optar pela "candeia da rua". Caso se prefira a "escuridão da casa", o resultado será desastroso. De qualquer maneira, de um modo ou de outro, uma conclusão será definitiva: teremos a Universidade que merecemos.

José Ênio Casalecchi é diretor da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara

A qualidade dos cursos de Humanas

Em entrevista concedida ao suplemento FOVEST-91 do jornal Folha de S. Paulo em 31/12/90, o reitor da UNESP, Prof. Dr. Paulo Milton Barbosa Landim, fez duas afirmações a respeito das quais sentimos no dever de responder.

A primeira delas refere-se ao fato de que a UNESP, em relação às demais universidades do Estado de São Paulo (USP e UNICAMP), ainda constitui uma segunda opção para os vestibulandos. Esta afirmação isolada, sem maiores explicações, possibilita distintas interpretações. A mais evidente é a de que a UNESP constitui uma opção secundária em relação às outras universidades do Estado. Ou seja, o vestibulando eleje prioritariamente a USP ou UNICAMP e, caso não seja aprovado em nenhuma delas, conforma-se em fazer seu curso de escolha na UNESP, desde que, evidentemente, seja aprovado no vestibular.

Se este foi o significado da afirmação do reitor, dele discordamos. Isto porque é preciso considerar as várias razões que levam o vestibulando a fazer sua opção pela universidade onde pretende graduar-se. Entre estas razões está, sem dúvida, o fato de que um estudante residente no interior do Estado tem como um de seus objetivos fazer seu curso superior num grande centro, o que lhe permite, entre outras coisas, alargar seus horizontes culturais. É natural que as universidades localizadas nas grandes cidades exerçam uma atração maior sobre os futuros estudantes universitários. Quem de nós não teve este sonho?

Portanto, a questão da localização dos centros de ensino superior exerce uma influência considerável sobre as opções dos vestibulandos, tendo muito pouco a ver com as diferenças de qualidade dos cursos ministrados nas três universidades.

A segunda afirmação do reitor foi a mais polêmica, gerando perplexidade na comunidade unespiana, so-

bretudo entre os docentes e alunos da área de Humanas.

Comparando alguns cursos da UNESP da área de Biológicas, os quais, na opinião do Prof. Landim, concorrem, em termos de qualidade, em pé de igualdade com seus congêneres na USP e UNICAMP, o reitor afirmou que "em Humanas, não temos cursos tão bons. A idéia de encampar a PUC-SP tinha a intenção de suprir esta deficiência...". Esta afirmação é, no mínimo, leviana e infeliz.

Os acontecimentos dos últimos 25 anos da história deste país explicam porque os cursos de Exatas e Biológicas foram valorizados, em detrimento dos cursos de Humanas de todas as universidades brasileiras. As perseguições políticas promovidas pelos governos autoritários aos docentes dos cursos de Humanas não foram casuais. Ora, nestes cursos era produzido o pensamento crítico que colocava em xeque o regime político implementado pelos militares a partir de 1964. Nesse sentido, esses cursos foram privados da atuação de seus melhores professores — expulsos e exilados do país —, como também o foram de recursos financeiros que teriam contribuído para a melhoria da qualidade do ensino. Portanto, as disparidades existentes entre os cursos de Humanas, de um lado, e de Biológicas e Exatas, de outro, têm um fundamento histórico e é geral, ou seja, não é uma realidade específica da UNESP.

Quanto à solução apontada pelo reitor no sentido de que a encampação da PUC-SP tinha o objetivo de suprir as deficiências dos cursos de Humanas da UNESP, ela é, no mínimo, problemática. Todos sabem os efeitos desastrosos originados das encampações pela UNESP de universidades e/ou faculdades privadas sem a devida contra-partida em termos de aumento dos recursos financeiros, encampações que tinham por objetivo atender compromissos políticos do governo do Estado. Sem dúvida,

esta é uma das razões da atual crise financeira enfrentada pela UNESP, com sérios reflexos sobre o ensino e a pesquisa aí desenvolvidos.

Além disso, basta consultar os dados publicados pelo suplemento FOVEST-91 da Folha de S. Paulo para constataremos as disparidades em termos de demanda para os cursos de graduação da UNESP e da PUC-SP. Estes dados indicam, para todos os cursos de Humanas, uma maior relação candidato/vaga favoravelmente aos cursos da UNESP.

Poder-se-ia argumentar que a maior demanda pelos cursos da UNESP pode ser explicada pelo fato de que o ensino aí ministrado é gratuito, ao contrário da PUC. No entanto, se este fato favorece a UNESP, como explicar a enorme demanda pelos cursos, por exemplo, da F.G.V.-SP, onde o ensino é pago?

Se o reitor afirma que os cursos de Humanas da UNESP não são tão bons, gostaríamos de conhecer os critérios de avaliação utilizados, critérios que o permitiram chegar a este diagnóstico.

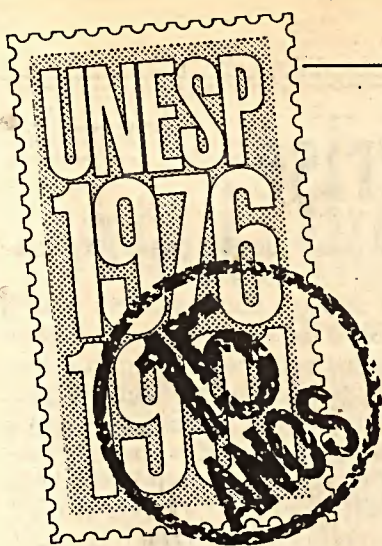
Se existem cursos que não são tão bons quanto outros, é preciso conhecer as verdadeiras razões destas diferenças. E, sobretudo, é preciso que a Reitoria defina uma política para a UNESP na qual sejam apontadas as soluções que permitam reduzir estas diferenças.

Se o que foi publicado na Folha de S. Paulo não corresponde fielmente às declarações do Prof. Landim, uma retificação já deveria ter sido solicitada. Como, até o momento, isto não foi feito, devemos supor que o publicado foi realmente declarado. Dada nossa discordância em relação ao afirmado, sentimo-nos no dever da resposta.

Leila Curi Rodrigues Olivi, José Mura-ri Bovo, Miguel Angel Menendez e Vera Tereza Valdemarin Gonçalves — Coordenadores dos Conselhos de Curso da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara

Os difíceis momentos da criação

Durante quase dez anos, desde seu aparecimento, em 1976, a Universidade enfrentou muitas dificuldades. A partir de 1985, porém, soube encontrar seu caminho e, hoje, consolida-se entre as melhores do país



30 de janeiro de 1976. Através da Lei Estadual nº 952, foi criada a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", a partir da reunião de treze Institutos Isolados de Ensino Superior, que se firmavam como centros de excelência de ensino e pesquisa desde a década de 50, em municípios que cobriam praticamente todas as regiões do interior do Estado. O campus central da nova Universidade — onde se localizaria a Reitoria — ficaria, a princípio, em Ilha Solteira, a noroeste do Estado, para o aproveitamento das instalações das Centrais Elétricas de São Paulo (CESP). Com o tempo, este projeto foi abandonado e a sede mantida em São Paulo, por ser melhor localizada em relação às outras unidades. O então governador do Estado, Paulo Egydio Martins, e o ex-coordenador do Ensino Superior e primeiro reitor da UNESP, Luís Ferreira Martins, viam na criação da Universidade a possibilidade de dar um planejamento global àquelas instituições e impulsionar o ensino do 3º grau no interior.

Este planejamento inicial resultou no ante-projeto de um Estatuto, com alguns pontos polêmicos. Um deles, por exemplo, dispunha que cursos das mesmas áreas não podiam estar localizados em cidades próximas, o que causaria modificações em sete câmpus: seriam extintos 14 cursos, a maioria de Filosofia e Ciências Sociais, e, como consequência, muitos professores seriam transferidos de unidade. A manobra visava proporcionar um desenvolvimento intenso e dirigido das áreas em questão. "Nossa principal meta era a racionalidade", lembra Ferreira Martins. "Pensávamos a Universidade como um todo."

O ante-projeto foi afinal votado em cinco dias, em dezembro de 1976, por um Con-



Martins, 1º reitor, e Paulo Egydio

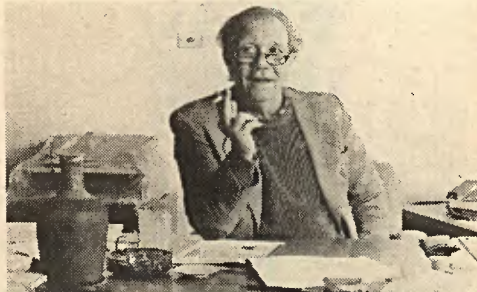
selho Universitário provisório, formado pelo reitor, vice-reitor e diretores dos câmpus. Os demais docentes não participaram das votações, e o corpo discente retirou-se no quarto dia, por considerar que "a estruturação da Universidade se dava de forma arbitrária e ilegítima", segundo documento entregue ao Conselho. "Foi um momento de total arbitrio", recorda o diretor da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara e docente de História, José Ênio Casalecchi. "Não houve discussão do Estatuto, que nos foi imposto." Da mesma opinião é o professor Nilo Odália que, na época, foi remanejado do câmpus de Assis para o de Marília. "O projeto não levou em consideração a tradição de ensino e pesquisa dos Institutos Isolados, e esse fato influenciou decisivamente na queda de produção do período que se seguiu", avalia.

UNIÃO DOCENTE

O final do ano de 1976 foi marcado por



Nagle, o 3º reitor: integração



Odália: "Universidade sui generis"

manifestações de professores e alunos de vários câmpus da UNESP, como a concentração popular que, em novembro daquele ano, reuniu cerca de cinco mil pessoas em Presidente Prudente. Daquele momento difícil, José Ênio destaca um fato importante: o fortalecimento dos professores em torno da Associação de Docentes da UNESP, fundada na ocasião e primeira do gênero entre as universidades paulistas. "A UNESP surgiu como uma primeira forma de organização dos professores, e inaugurou uma polarização em relação ao poder central", comenta José Ênio, um ex-diretor da Associação. "Apesar do relacionamento difícil com a Reitoria até a gestão do professor Jorge Nagle, em 1985, a ADUNESP foi uma grande conquista da época."

O professor Nagle, terceiro reitor da Universidade e atualmente na presidência da Fundação para o Desenvolvimento da



O 2º reitor, Ramos: "boas soluções"

UNESP, Fundunesp, acredita que os professores conseguiram em pouco tempo suplantarem as dificuldades iniciais. "Aquele situação de oposição propiciou o amadurecimento da classe, que passou a exercer pressão efetiva para reorientar os rumos da Universidade." Ele ressalta ainda que, apesar da forma truculenta que a estrutura foi imposta, ela representou avanço em relação aos Institutos Isolados. Nagle lembra, no entanto, que demorou para que os câmpus se sentissem integrados por uma estrutura única, fato que, segundo opinião consensual entre professores que estão na UNESP desde a sua criação, aconteceu justamente durante a sua gestão. "Com a nomeação do professor Nagle, começou a ser valorizada esta dispersão que faz da UNESP uma universidade *sui generis*, inclusive porque foi neste momento que se deu a implantação do sistema de informatização que abrange todos os câmpus", avalia o professor Nilo Odália.

Outro ponto que caracteriza este período como o momento em que o poder central abre um livre diálogo com os colegiados foi a revisão do Estatuto, que se mantinha inalterado desde a implantação da Universidade. A sua reelaboração fez com que fosse rapidamente apontado como o mais arrojado das universidades brasileiras. "Esta foi, sem dúvida, a maior conquista da UNESP em nível político, que acabou por possibilitar, por exemplo, que cada unidade escolhesse seu próprio processo eleitoral", comenta José Ênio.

Com isso, aos 15 anos da UNESP, as perspectivas de uma valorização crescente do seu papel de promover o ensino e a pesquisa, além da extensão de serviços, parecem cada vez mais promissoras, como acentua o professor de Medicina de Botucatu, Reinaldo Ayer de Oliveira, que também viveu todas estas mudanças dentro da Universidade. "Com a reformulação que tem sofrido nos últimos anos, a UNESP responde hoje de maneira satisfatória às solicitações de cada região onde está fincada."

Marcelo Burgos

Com a palavra, personagens que fizeram a história

Autoridades da época e ex-reitores respondem, abaixo, a duas questões básicas: como avaliam os momentos iniciais da Universidade e de que maneira vêem a situação atual

Paulo Egydio Martins,
ex-governador do Estado de
São Paulo (1975-1979)

"A intenção da UNESP, criada sob a minha gestão, era de extrapolar o saber científico para outras regiões. Com isso, ela seria uma Universidade diferente, expansiva e ágil, acompanhando o crescimento do interior do Estado e de todo o país. A ideia inicial, de que o câmpus central se situasse em Ilha Solteira, não foi mantida, o que, acredito, foi um retrocesso neste projeto de promover o desenvolvimento de outros municípios. Não saberia avaliar a UNESP hoje, pois não acompanho sua atuação, mas como trabalho na área agropecuária, me reporto às excelentes pesquisas feitas no câmpus de Jaboticabal."

**José Bonifácio
Coutinho Nogueira**
ex-secretário de Educação
(1975-1979)

"A UNESP, criada durante a minha gestão, pretendia dar um planejamento centralizado a escolas que cresciam desordenadamente e desvinculá-las de questões políticas. A feição de 'arquipélago' da UNESP, com suas inúmeras unidades, dificultou a sua transformação em verdadeira Universidade, mas o tempo mostrou o acerto da medida. Apesar de ainda muito jovem, a UNESP tem revelado sua vocação para a veiculação da cultura no interior."

Luís Ferreira Martins,
1º reitor (1976-1980)

"A ideia da criação da UNESP foi ousada. O projeto era fazer uma 'Universidade de Transição' que, depois, quando estivesse solidificada, se subdividiria em várias universidades. O Estatuto, polêmico, mexia com o elemento humano, e tivemos que pagar o preço das manifestações contrárias a ele. Apesar de não ter acompanhado de perto o desenvolvimento da UNESP, há pontos com os quais não concordo, como a encampação do câmpus de Bauri, por exemplo."

**Armando Otávio
Ramos,** 2º reitor (1980-1984)

"Antes da criação da UNESP, os Institutos Isolados cresciam sem qualquer planejamento prévio. A reestruturação da Universidade foi, portanto, um momento muito complexo. As transformações ainda aconteceram ao longo da minha gestão, que, em grande parte, foi dedicada a pensá-las e a viabilizá-las. Foi uma situação peculiar, com mudanças em cada câmpus e nas relações que eles mantinham com as comunidades onde estavam inseridos. Hoje, vejo que a UNESP vem cumprindo seus objetivos primordiais e que algumas boas soluções foram encontradas, graças, sobretudo, aos profissionais capacitados de que dispõe."

Manuel Nunes Dias,
ficou no exercício da Reitoria
de agosto de 1984 a janeiro
de 1985.

"O grande papel da UNESP, que é a interiorização da cultura, efetivou-se ao longo desses 15 anos, apesar do gigantismo de sua estrutura que, muitas vezes, dificultou o aspecto administrativo. Ainda que o início tenha sido problemático, já no décimo ano de sua existência podiam ser observados sinais de franca recuperação, tendo ela retomado com liderança muitas de suas áreas, graças ao esforço dos professores, alunos e funcionários. Hoje, a produção cultural e científica da UNESP é reconhecida nacionalmente e internacionalmente."

Jorge Nagle 3º reitor (1985-1989)

"Desde a sua criação, a UNESP viveu pontos altos e baixos. Os altos se deveram ao desenvolvimento do ensino e pesquisa, que, apesar das adversidades, continuaram sendo levados adiante pelos professores. Os pontos baixos incluem as consequências de um certo apadrinhamento e cooptação, um envolvimento político-partidário mais acentuado em certos momentos, que levaram ao decréscimo no tônus moral da Universidade. A nossa administração teve um único mérito: aceitar a situação precária da Universidade, especialmente em termos orçamentários. Naquele momento, começamos a sentir que pertencíamos a uma Universidade, e não a este ou àquele Instituto Isolado. A UNESP tem seu futuro garantido, mas esse futuro depende do que ela fará neste momento de 'crise geral'."